

## **Declaração de Integridade Científica**

Ana Catarina Cunha Santos Castro, n.º 7397 do curso Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico declara, sob compromisso de honra, que o relatório final de estágio é inédito e foi especialmente escrito para este efeito.

Viseu, 10 de setembro de 2015

A aluna, \_\_\_\_\_

***A aprendizagem escolar nunca parte do zero. Toda aprendizagem da criança na escola tem uma pré-história.***

*(Vigotsky, 1989, p. 39)*

## **Agradecimentos**

O presente trabalho tornou-se possível graças a um conjunto de pessoas que me apoiaram, encorajaram, orientaram e comigo colaboraram e a quem quero manifestar a minha profunda gratidão.

Em primeiro lugar agradeço ao meu pai pelo enorme e árduo esforço no trabalho para que nada me faltasse. À minha mãe, pela grande mulher, em fazer papel de mãe e pai ao mesmo tempo. E por fim ao meu grande “mano” Nuno, que sempre me deu força para caminhar na direção correta e, nos momentos de quedas, me ajudou a levantar a cabeça e a acreditar num futuro melhor.

Aos meus verdadeiros amigos, que sempre me apoiaram e estiveram presentes ao longo de todo o percurso académico. À enfermeira Clara que sempre me incentivou e fez acreditar nas minhas capacidades, não permitindo que desistisse.

Em segundo lugar, queria agradecer em especial ao doutor João Paulo Balula e à Doutora Maria Cristina Aguiar, pela disponibilidade, empenho e dedicação na orientação deste trabalho.

Gostaria, também, de agradecer a todos os professores supervisores das práticas de ensino, que nos ajudaram a progredir e a melhorar com as suas críticas construtivas.

Agradeço, ainda, a todos os orientadores cooperantes que nos aceitaram e receberam nas suas turmas de braços abertos, apoiando-nos sempre e ajudando-nos a ser bons profissionais na docência.

A todos, o meu sincero Agradecimento.

**Palavras- chave:** Educação Pré-Escolar; Expressão Musical; Literacia Emergente; Linguagem oral;

**Resumo:** O presente relatório insere-se na área de formação de docência do curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Contempla uma reflexão crítica das práticas, nomeadamente do segundo e do terceiro semestres do curso, bem como uma investigação que pretende perceber qual o contributo da expressão musical para o desenvolvimento da linguagem oral em crianças em idade pré-escolar.

Para a reflexão crítica, apoiámo-nos em todos os materiais desenvolvidos ao longo dos estágios e também nos documentos normativos dos perfis específicos de desempenho profissional do educador de infância e do professor do 1.º ciclo do ensino básico.

O trabalho de investigação é de carácter descritivo com recurso a entrevistas a educadores de infância do concelho de Viseu e do concelho de Fafe. O estudo permite concluir que a expressão musical em contexto de jardim-de-infância é muito importante para o desenvolvimento da linguagem oral das crianças, contribuindo para promoção da interdisciplinaridade ao nível das diferentes áreas de conteúdo.

**Keywords:**           Preschool Education; musical Expression; Emergent Literacy;  
Oral language;

**Abstract :**           This report is an integrating part of the Master's Degree in  
Preschool and Primary School Teaching. It consists not only on a critic  
analysis of the practices, namely of those carried out in the second and  
third semesters of the course, and also a research that want to  
understand what difference the musical expression for oral language  
development in children in pre-school.

For the critic analysis, we had all the material designed for the  
internship and also the specific normative profiles of the professional  
performance of preschool and primary school teachers as our support  
resources.

The investigation survey is generally descriptive, based on  
inquiries answered by preschool teachers working in Viseu and Fafe  
district. The study concludes that in the context of musical expression  
preschool and primary school is very important for the development of  
oral language of children, as well as the interdisciplinary of the different  
areas.

<b>Índice</b>	
<b>Introdução geral .....</b>	<b>1</b>
<b>Parte I - Reflexão crítica sobre as práticas em contexto .....</b>	<b>3</b>
<b>Introdução.....</b>	<b>4</b>
<b>I) Caraterização dos contextos .....</b>	<b>5</b>
Contexto do 1.º Ciclo do Ensino Básico .....	6
Contexto da Educação Pré-Escolar.....	8
<b>II) Análise das práticas concretizadas na PES II e III .....</b>	<b>10</b>
Ao nível do 1.º Ciclo do Ensino Básico.....	10
Ao nível da Educação Pré-Escolar .....	12
<b>III) Análise das competências e conhecimentos profissionais desenvolvidos. ....</b>	<b>15</b>
No âmbito do 1.º Ciclo do Ensino Básico.....	16
No âmbito da Educação Pré-Escolar.....	18
<b>Parte II - Trabalho de investigação .....</b>	<b>21</b>
<b>Introdução.....</b>	<b>22</b>
<b>i ) Enquadramento teórico.....</b>	<b>23</b>
1.1 Contexto do problema .....	23
1.2 Justificação da sua pertinência.....	23
1.3 Definição de objetivos para a investigação.....	24
<b>ii) Revisão da literatura .....</b>	<b>25</b>
Literacia Emergente .....	25
Aquisição e desenvolvimento da linguagem .....	27
Expressão Musical .....	32
Desenvolvimento musical nas crianças.....	33
Aprendizagem da Linguagem Musical.....	34
Benefícios da Música para o Desenvolvimento da Criança .....	36
A Expressão Musical no Jardim de Infância .....	36
Breve contextualização da Expressão Musical na Educação Pré-Escolar .....	38
<b>iii) Metodologia .....</b>	<b>40</b>
1- Tipo de investigação .....	40
2- Participantes .....	40
3- Instrumentos de recolha de dados .....	40
4- Procedimento.....	41
<b>iv) Análise e Discussão dos Resultados .....</b>	<b>43</b>

<b>v) Conclusão.....</b>	<b>50</b>
<b>Conclusão geral .....</b>	<b>53</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>54</b>
<b>Anexos .....</b>	<b>59</b>

## **Índice de Tabelas**

Tabela 1: Qualificação académica e anos de serviço das educadoras. ....	43
---	----

## **Lista de abreviaturas**

**CEB-** Ciclo do Ensino Básico

**EPE-** Educação Pré-Escolar

**JI-** Jardim de Infância

**ME-** Ministério da Educação

**NEE-** Necessidades Educativas Especiais

**OCEPE-** Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

**PES-** Prática de Ensino Supervisionada

**TEACCH-** Treatment and Education of Autistic and related Communication-handicapped Children

**TIC-** Tecnologias de Informação e Comunicação

## Introdução geral

Este relatório final de estágio tem como objetivo descrever o percurso traçado no âmbito das unidades curriculares de Prática de Ensino Supervisionada II e III, experiência vivida durante os dois últimos semestres do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Neste período, foram-nos proporcionadas atividades de estágio em dois contextos diferentes: primeiramente, numa turma do 1.º ano do 1.º Ciclo do ensino básico (CEB) e, numa segunda etapa, num grupo de crianças da educação pré-escolar (EPE), com idades entre os três e os seis anos.

A estrutura deste relatório divide-se em duas partes. A primeira parte destina-se à reflexão crítico-reflexiva, tendo em consideração as práticas realizadas em contexto escolar, tanto na Educação Pré-Escolar, como no 1.º Ciclo do Ensino Básico. Este documento contempla o enquadramento referente às unidades curriculares, aos locais de estágio e ao grupo/turma com os quais desenvolvemos as nossas práticas.

No que respeita à segunda parte do presente relatório final de estágio, está contemplado todo o trabalho investigativo que foi desenvolvido ao longo dos dois semestres. A nossa investigação é de natureza qualitativa, e decorreu no âmbito da PES III, em contexto de Educação Pré-escolar. Apresenta como principais objetivos compreender de que forma os Educadores de Infância recorrem à expressão musical para desenvolver o oral em crianças que frequentam educação pré-escola”, tendo em consideração que, o oral deve ser uma competência a desenvolver desde cedo, pois a criança, tendo nascido com capacidades inatas para comunicar, necessita de estar exposta a este código e de ser envolvida em interações sociais.

Nesta primeira fase da vida das crianças, os grandes motivadores para a comunicação devem ser os adultos “que interpretam e respondem aos comportamentos do bebé”, e, à medida que o tempo passa, “a criança vai tomando um papel cada vez mais ativo na dinâmica interativa na comunicação” (Sim-Sim, Silva & Nunes, 2008, p. 31). Quanto mais cedo a criança for exposta ao código da linguagem e vivenciar situações de comunicação diversificadas, mais rapidamente adquire e desenvolve a sua língua materna. Torna-se imprescindível motivar as crianças a comunicar, seja pela leitura, pelo reconto de histórias, pela dramatização, pelo relato do fez durante o dia, sobre temas que gostaria de aprofundar, ou explicando jogos de que gosta, por sua iniciativa e escolha. É de realçar a importância do educador perceber, num grupo de crianças de jardim-de-infância, se a rotina é ou não eficaz.

Neste sentido, a segunda parte integra um trabalho de investigação desenvolvido em articulação com a prática de ensino supervisionada. Trata-se de um estudo de caso, realizado em contexto de educação pré-escolar, com o intuito de compreender de que forma a expressão musical influencia o desenvolvimento da linguagem oral. A recolha de dados efetuou-se com o recurso à entrevista a seis educadoras: duas educadoras de um agrupamento de Viseu e quatro educadoras de um agrupamento de Fafe.

Na apresentação do estudo parte-se de um enquadramento teórico, onde se define e equaciona o problema, se definem os objetivos e se apresenta uma revisão da literatura sobre o tema. Na componente prática do estudo apresenta-se a metodologia adotada para a realização do mesmo, nomeadamente as atividades desenvolvidas e as formas de análise dos dados recolhidos. Segue-se a análise e discussão da informação recolhida. Por fim, destacam-se as respostas possíveis à questão que desencadeou o estudo.

O presente relatório culmina com algumas considerações finais onde se destacam aspetos relevantes sobre o conhecimento da expressão musical para o desenvolvimento da oralidade em contexto de educação pré-escolar.

## **Parte I - Reflexão crítica sobre as práticas em contexto**

## **Introdução**

Como futura educadora e professora devemos preocupar-nos com o desenvolvimento, a todos os níveis, das crianças. Na educação de infância, as crianças contactam com novos conhecimentos, novas regras e novas realidades sobre o mundo que as rodeia. Por sua vez no 1.º CEB, os alunos são preparados para as necessidades do futuro, através das experiências vividas, das aprendizagens e das competências desenvolvidas, acima de tudo através do alargamento da capacidade de reflexão e autocrítica.

O presente relatório final de estágio é, assim, composto pela reflexão crítica sobre o trabalho desenvolvido no âmbito do Mestrado em EPE e 1.º CEB, mais concretamente associada às unidades curriculares de Prática de Ensino Supervisionada (PES) II e III, que foram aquelas que nos permitiram o contacto com o trabalho e a vida numa escola e/ou jardim-de-infância.

Assim, a reflexão crítica sobre as práticas em contexto, encontra-se organizada em três partes essenciais, correspondendo a primeira à caracterização dos contextos em que a prática ocorreu e a segunda à análise das práticas concretizadas na PES II e III. Por fim, a terceira parte que diz respeito à análise das competências e conhecimentos profissionais desenvolvidos. Todas as componentes da reflexão referidas se encontram relacionadas com as práticas implementadas na EPE e no 1.º CEB.

## **I) Caracterização dos contextos**

A unidade curricular de PES integra o plano de estudos do Mestrado em EPE e 1.º CEB, apresentando como principal foco formativo o desempenho profissional em função dos padrões de desempenho docente estipulado pelo Ministério da Educação.

As PES desenrolaram-se durante os anos letivos 2012/2013 e 2013/2014.

Estas unidades curriculares, de extrema relevância para a formação de professores, têm como principais objetivos desenvolver competências no âmbito da conceção e implementação de “projetos de ação, resolução de problemas, investigação, inovação e experimentação científica e pedagógica, integrando conhecimentos” (ESEV, 2011) no âmbito das práticas de ensino com grupos / turmas de EPE e 1.º CEB, ao mesmo tempo que se desenvolve o espírito crítico e a capacidade de reflexão na ação e sobre a ação, de modo a melhorar as práticas, tendo sempre em conta o contexto e as características do público-alvo.

A unidade curricular PES II permitiu-nos fazer um estágio durante o 2.º semestre do 1.º ano do mestrado, numa escola básica do 1.º CEB, durante catorze semanas, distribuídas por três dias de estágio, de segunda a quarta-feira, das 9 às 12 horas e das 14 às 16 horas, tornando possível vivenciarmos o verdadeiro papel de docentes. Contrariamente ao semestre anterior, em que a lecionação diária era feita pelas três estagiárias do grupo, no semestre em questão, esta lecionação era realizada apenas pela responsável da semana, à exceção da primeira e última semanas de estágio que permaneceram em grupo. Isto implicou que cada semana fosse atribuída a uma estagiária do grupo, sendo que cada uma delas teve oportunidade para lecionar quatro semanas individuais e duas em grupo.

A PES III, referente ao 3.º semestre (segundo ano) do mestrado decorreu em contexto de EPE, num jardim-de-infância situado no distrito de Viseu. A unidade curricular de PES III permitiu-nos um contacto de quinze semanas com a instituição, distribuídas por três dias de estágio, de segunda a quarta-feira, das 9 às 12 horas e das 13:30 às 15:30. Ao longo deste semestre, as nossas dinâmizações foram concretizadas com um grupo de crianças com idades compreendidas entre os três e os seis anos de idade.

Como havia acontecido no semestre anterior, a dinamização do grupo em questão era feita pela estagiária responsável pela semana, à exceção das duas primeiras semanas, as quais foram planeadas e dinamizadas em grupo. Embora a dinamização fosse individual, todos os elementos do grupo contribuíram para a construção do plano de atividades e auxiliaram as restantes colegas nos momentos de grande azáfama.

## **Contexto do 1.º Ciclo do Ensino Básico**

A PES II foi desenvolvida numa escola de 1.º CEB localizada no centro da cidade de Viseu, pertencente ao Agrupamento de Escolas Grão Vasco sendo que as práticas incidiram sobre uma turma do 2.º ano de escolaridade.

Construída em 1985, a escola em causa tem, atualmente, 30 anos de existência, dependendo financeiramente dos órgãos do poder local. O estabelecimento tem doze salas de aula para o 1.º CEB e quatro salas de atividades para a EPE, biblioteca, mediateca, bar, cozinha, refeitório, polivalente, gabinete para a coordenação da escola, serviços administrativos e um amplo espaço para recreio. Esta instituição dispõe ainda de uma unidade de Autismo (Treatment and Education of Autistic and related Communication-handicapped Children - sala TEACCH) e um centro de recursos Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) para a Educação Especial de Viseu.

Para além dos espaços interiores mencionados, salienta-se ainda o espaço exterior envolvente da escola, que é utilizado para as atividades de recreio dos alunos e para as atividades referentes à expressão físico-motora quando o bom tempo o permite, caso contrário é feito no polivalente.

Relativamente à constituição da turma do 2.º ano de escolaridade, onde foi realizado o estágio, esta era composta por 20 alunos repartidos por 15 do sexo masculino e 5 do sexo feminino. Das 5 crianças do sexo feminino, uma apresentava perturbações específicas da linguagem, estando abrangida pela lei n.º 3/2008, de 7 de janeiro, sendo considerada uma aluna com necessidades educativas especiais (NEE). Das vinte crianças, dezassete frequentaram a educação pré-escolar nesta mesma instituição.

De acordo com o projeto curricular de 2.º ano (2012), todos os alunos eram oriundos de famílias pouco numerosas, uma vez que 4 alunos não tinham irmãos, 13 alunos tinham um irmão, um tinha dois irmãos e uma tinha mais de 2 irmãos. Na sua maioria, os alunos provêm de um meio socioeconómico e cultural médio, visto que a maioria dos pais possuem habilitações académicas ao nível do ensino secundário e superior. Esta é uma turma onde se notava uma grande envolvência dos pais na vida escolar dos alunos e que se preocupam com o progresso dos seus filhos.

De uma forma geral, é uma turma com bastantes capacidades e facilidade na aprendizagem, embora existissem alguns alunos com algumas dificuldades para acompanharem o ritmo dos restantes alunos da turma. Notava-se ainda que era uma turma bastante motivada, com curiosidade e gosto em aprender, demonstrava exigência e rigor com os materiais apresentados, bem como com a informação apresentada, obtendo os melhores resultados a matemática.

No que diz respeito ao comportamento, pode dizer-se que os mesmos eram diversificados, mas na maior parte do tempo existia burburinho, sendo que, nos momentos de realização de trabalhos individuais, como fichas de trabalho, realização de tarefas, produções, entre outros, a turma aparentava ser mais calma e concentrada, demonstrando assim preferência pelo trabalho individual.

No que concerne aos aspetos facilitadores da aprendizagem destacam-se os seguintes: o número significativo de alunos que se mostravam motivados; o gosto em aprender; a pertença a um grupo social com nível cultural acima da média; o empenho na realização das tarefas propostas; a constante participação e envolvimento nas diferentes atividades por parte dos encarregados de educação e familiares; os hábitos de estudo diário.

Quanto aos aspetos inibidores da turma, destacavam-se as seguintes: dificuldades no cumprimento das regras; a falta de interiorização de valores universais; o baixo nível linguístico; poucos hábitos de leitura em alguns casos; o fraco domínio na compreensão oral e escrita; atitudes e comportamentos espontâneos de pura brincadeira na sala de aula; a facilidade em se distraírem. Contudo na área da matemática apresentavam desempenhos muito bons sobretudo na comunicação matemática, isto é, em explicar oralmente ou por escrito qual foi o raciocínio utilizado na resolução de problemas.

As diferentes áreas do conteúdo foram desenvolvidas de forma articulada entre si, para que os alunos encontrassem um maior sentido para as suas aprendizagens articulando o saber, o conhecimento e as vivências, ou seja, articular a teoria com a prática, associar o teórico ao prático. No entanto importa referir que o horário estabelecido nem sempre foi cumprido, uma vez que, tanto a professora cooperante como o grupo de estágio, se preocupavam em corresponder às necessidades da turma de forma a possibilitar a compreensão e motivação global, ou seja, quando necessário, por questões de dificuldade ou incompreensão, a atenção era fulcralmente focada nos alunos e não no cumprimento de horários.

Em síntese, pode referir-se que em todo o percurso associado à PES II o grupo de estágio pôde sempre contar com o apoio da professora supervisora que sempre se mostrou prestável e disponível para ouvir opiniões e apoiar o grupo nas suas dificuldades, refletindo sobre as mesmas e dando sempre, ou quase sempre, a possibilidade de se concretizarem as sugestões enunciadas.

## **Contexto da Educação Pré-Escolar**

Relativamente à unidade curricular PES III, esta concretizou-se no âmbito da Educação Pré-escolar e decorreu num Jardim-de-Infância localizado na cidade de Viseu, sendo que o estágio foi desenvolvido num grupo de educação pré-escolar da mesma instituição escolar. Importa referir que a instituição para além de integrar a EPE, também integrava o 1.º CEB.

No que concerne à estrutura física da instituição, esta sofreu grandes alterações em 2011, tendo sido adicionadas novas instalações à escola já existente (unicamente com 1.º CEB), para dar abertura ao JI.

O JI era constituído por duas salas de atividades, sendo que nós estagiamos na sala 1 do mesmo jardim. Era um jardim bem situado, ao nível geográfico, tendo, em seu redor, vários cafés, pastelarias, uma amplo parque de estacionamento, mercearias, entre outras lojas comerciais.

Tendo sido construído há pouco tempo, o JI apresentava ótimas instalações, possuía um espaço bastante acolhedor e amplo. A dividir as duas salas existia um corredor onde se encontravam os cabides (para colocar os casacos e as mochilas dos lanches), das respetivas salas. Existia, também, uma casa de banho de razoáveis dimensões para as crianças, uma casa de banho para deficientes e uma casa de banho para adultos. Também tinham uma sala de arrumos, um gabinete de atendimento aos pais ou encarregados de educação, um refeitório/polivalente (utilizado quer pela EPE, quer pelo 1.º CEB), uma cozinha grande, um *hall* de entrada e um espaço/arrecadação para guardar material de exterior. O jardim, ainda possuía um vasto espaço exterior, todo vedado, com pequenos canteiros junto às salas, para plantações e com algumas árvores que foram plantadas pelas crianças.

Um fator importante da qualidade da educação é o clima de trabalho existente no Jardim de Infância, ou seja, a disponibilidade e qualidade dos espaços ou equipamentos e o seu uso pedagógico adequado, bem como a utilização dos recursos disponíveis para a criação e manutenção de um espaço educativo com características que favoreçam a aprendizagem e a interação da comunidade intra e extra-escolar. Um cuidado especial deve ser dispensado à criação e manutenção das salas de atividades, por ser o lugar em que os alunos permanecem mais tempo. É importante, também, reconhecer que o espaço de aprendizagem vai além da sala de atividades. O JI inclui muitos outros espaços onde se podem oferecer experiências significativas de aprendizagem para os alunos como por exemplo o espaço exterior, onde as crianças se encontram em atividades livres, ou seja, são elas que fazem as suas próprias brincadeiras, desenvolvendo várias capacidades como a imaginação e a criatividade. Cabe, então, à educadora, com a ajuda de outros membros educativos, utilizar, da

melhor maneira possível, os recursos existentes para, em conjunto com a comunidade, constituir o Jardim como espaço agradável, recetivo e acolhedor das crianças.

A estrutura organizativa do grupo de crianças em contexto de sala permite que desenvolvam diversos tipos de interações importantes e significativas para o seu desenvolvimento harmonioso: momentos de atividade individual; momentos de atividade em pares / pequenos grupos; momentos de atividade em grande grupo.

O tempo de permanência na instituição, possibilitado através da PES II, teve uma duração total de 15 semanas, três dias por semana (2.<sup>a</sup>, 3.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup> feiras) eram destinados à permanência no JI. As atividades ao longo das mesmas foram organizadas da seguinte forma: duas semanas de observação/dinamização de grupo em colaboração com a educadora cooperante nas suas atividades; uma semana de intervenção em grupo; e por fim, 12 semanas de intervenção individual, o que correspondeu a quatro semanas de dinamização individual por cada elemento do grupo de estágio. Importa referir que a professora cooperante sempre se mostrou prestável e disponível para ouvir opiniões, refletindo sobre as mesmas e dando quase sempre, a possibilidade de se concretizarem as sugestões proferidas, desde que devidamente justificadas, o que originou sentimentos de segurança e motivação por parte do grupo de estágio.

O grupo com o qual foram desenvolvidas as diferentes atividades era constituído por vinte crianças, nove do sexo feminino e onze do sexo masculino. As suas idades encontravam-se compreendidas entre os três e os seis anos. O grupo era integrado por uma criança sinalizada com NEE, ou seja perturbação do espectro de autismo, tendo o apoio tanto da educadora como da assistente operacional da sala, bem como uma professora da sala TEACCH. Contudo, as atividades que eram propostas aos outros colegas não precisavam de ser alteradas para essa criança, uma vez que ela conseguia realizar as tarefas como as restantes crianças.

De uma forma geral, tratava-se de um grupo de crianças bastante sociável e alegre, que demonstrava muito interesse em aprender, gosto pelos desafios e revelava sentimentos de cooperação e entreajuda. No que concerne às atividades relacionadas com as expressões, o grupo era bastante participativo e revelava gosto em jogos de grupo, demonstrando muito interesse por atividades de carácter motor e de jogo simbólico. O grupo encontrava-se mais motivado, de uma forma geral, com questões do Conhecimento do Mundo que lhes possibilitasse a comparação com a realidade exterior e de Matemática através de desafios e jogos matemáticos. Demonstrava, também, gosto em ouvir histórias e em descrever as suas produções plásticas, isto é, que o educador escrevesse a história das suas ilustrações, contadas pelas crianças.

Quanto aos aspetos inibidores do grupo, destacavam-se os seguintes: situações de aprendizagem que implicassem atenção, concentração e algum investimento pessoal nas tarefas; dificuldades no cumprimento de algumas regras; dificuldade na resolução autónoma e pacífica de conflitos entre os seus pares; dificuldades ao nível da motricidade fina; e dificuldade na conclusão das tarefas que se propunham implementar.

A rotina estabelecida para o grupo em questão encontrava-se bem definida. Assim, de uma forma sucinta e tendo em conta a flexibilidade que o ambiente educativo deve ter, o dia de trabalho começava pelo preenchimento dos instrumentos de regulação e momento das caixinhas, seguido do acolhimento. Posteriormente, o lanche da manhã, terminando a mesma com atividades orientadas. A tarde tinha início com atividades orientadas, seguindo-se as atividades livres, avaliação do dia e, por fim, o lanche da tarde.

## **II) Análise das práticas concretizadas na PES II e III**

À semelhança da PES I, as unidades curriculares de PES II e PES III; possibilitaram a concretização prática em contextos de 1.º CEB e EPE. Finalizado o processo de aprendizagem que as unidades curriculares em causa proporcionam importa refletir sobre as próprias ações. Assim, far-se-á, uma breve reflexão acerca das práticas implementadas e experiências vividas em contexto da PES II e III pois, como futura docente, deverei ser capaz de realizar autocríticas, refletindo sobre as minhas escolhas/ações, uma vez que “é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática” (Freire, 2002, p. 22).

### **Ao nível do 1.º Ciclo do Ensino Básico**

O trabalho desenvolvido no âmbito da PES II, referente ao 1.º CEB, foi desenvolvido com uma turma, como já referido, de 2.º ano, cujos alunos sempre se mostraram motivados e interessados em aprender, bem como em nos ajudar nas nossas práticas, o que permitiu que o grupo de estágio se sentisse mais seguro e motivado nas suas intervenções.

Todo o trabalho desenvolvido com a turma foi pensado, planeado e realizado em grupo, de forma a oferecer as melhores propostas de atividades, experiências e momentos aos alunos que deverão ser sempre motivados para tudo o que se passa na sala de aula. A professora cooperante foi sem dúvida um elemento fulcral para a nossa formação, pois mostrou-se sempre disponível para nos ajudar e esclarecer dúvidas ou aconselhar quais as melhores estratégias de ensino/aprendizagem. É um

exemplo digno de ser seguido, uma vez que é fantástica a forma como a mesma lida com a turma, sempre amável, dinâmica, compreensiva e ao mesmo tempo respeitada por cada elemento da turma, resultando assim uma harmonia plena e favorecedora do processo ensino/aprendizagem.

No que respeita ao processo ensino/aprendizagem, a interdisciplinaridade é um fator importante, pois permite que haja a abertura das disciplinas, isto é, cada disciplina deixa de ser vista como estanque passando a ser compreendida de forma integrada.

Relativamente aos planos de aula e às estratégias adotadas para as diferentes aulas, foram sempre realizados com cuidado e rigor científico. Estes eram elaborados em função dos conteúdos indicados pela professora cooperante, passando, numa fase posterior, a serem selecionados pelo grupo de estágio de acordo com as orientações propostas nas planificações mensais do Agrupamento de Escolas. É de mencionar que esta atitude da professora cooperante foi vantajosa para o grupo de estágio na medida em que, nos colocou mais próximas daquilo que é a realidade, contactando deste modo, com documentos orientadores das aprendizagens a efetuar pelos alunos.

O plano de aula nem sempre foi executado tal como havia sido planeado, uma vez que no momento de intervenção surgiram situações em que foi necessário utilizar estratégias de intervenção diferentes daquelas que haviam sido planeadas. Para além desta situação, existiram momentos em que a má gestão do tempo se destacou nas regências de aula. Tal facto prendia-se, muitas vezes, com os diferentes ritmos de trabalho existentes na turma. Com efeito, com o decorrer das intervenções, o grupo de estágio apercebeu-se que seria necessário diversificar o ensino.

Independentemente de quem estava responsável pela lecionação de determinada semana, todas as decisões eram tomadas pelo grupo de estágio como a construção do material para a turma. Esta colaboração só trouxe vantagens pois permitiu-nos conhecer diferentes formas de pensar e tomar conhecimento de diferentes estratégias a implementar, ou seja, cada uma podia mostrar o seu contributo e as suas ideias. Foi, também importante pois em caso de alguma impossibilidade de lecionação, por parte da estagiária que estaria responsável pelo dia/semana, os restantes elementos do grupo estariam em perfeitas condições para a substituir. Outra das vantagens foi o efetivo desenvolvimento de maior coesão entre o grupo.

Durante as dinamizações deu-se bastante ênfase ao trabalho de grupo com os alunos, a fim dos alunos compreendessem a importância do trabalho em equipa dentro da sala de aula, bem como que, ao longo da sua vida. Para isso, e quando possível, eram apresentadas situações problemáticas à turma no que concerne à área da

Matemática, dando-lhe, de seguida, um momento para os resolverem em grupo de modo a que, perante o mesmo problema cada grupo desenvolvesse a sua própria estratégia de resolução. Posteriormente, foi dada oportunidade aos alunos, aquando do momento de discussão dos resultados, para apresentarem as suas estratégias de resolução, expondo-a no quadro de modo a toda a turma visualizar, obtendo-se no final vários registos de estratégias de resolução para a mesma situação problemática.

No que concerne às maiores dificuldades sentidas, na minha perspetiva, o adequar o tipo de vocabulário à turma, que não podia ser nem demasiado científico nem demasiado infantil, foi um dos aspetos a destacar, no entanto foi algo que ao longo do tempo foi melhorado. A organização da turma nem sempre foi fácil, mas com o tempo e com as propostas de trabalho, os alunos tornaram-se mais acessíveis, respeitadores e participativos. As dificuldades encontradas prenderam-se com o facto de conseguir perceber se os alunos estavam ou não a compreender o que era abordado. Por isso, deverá ser trabalho do professor perceber se estão ou não a sentir dificuldades.

As fichas de consolidação, jogos didáticos ou as observações feitas, bem como as idas aos lugares dos alunos, serviam-nos como instrumentos de avaliação, apercebendo-nos, assim, se os alunos tinham percebido os conteúdos abordados. Estes instrumentos também nos permitiam perceber quais os alunos que tinham mais dificuldades, bem como os alunos que precisavam de maior apoio. Foram importantes, na medida em que também nos ajudavam em algumas tomadas de decisão, nomeadamente nas tarefas e fichas propostas, incidindo nas suas dificuldades.

Em termos conclusivos, as práticas concretizadas, durante o segundo semestre, permitiram-nos apropriar e vivenciar o que realmente é ser profissional da docência. Através deste estágio, apercebemo-nos melhor da realidade de 1.º CEB e tomámos conhecimento acerca dos organismos da escola, como se articulam, como funcionam e quais os documentos que orientem, bem como a ação dos docentes deste nível de ensino. Através deste contacto efetivo com a instituição e turma, pudemos compreender que existe todo um trabalho de equipa que engloba todos os elementos da comunidade educativa, desde autarquia, pais, docentes a diretores de escola e que trabalham diariamente com o mesmo propósito: o sucesso dos alunos.

### **Ao nível da Educação Pré-Escolar**

Relativamente à PES III, o trabalho desenvolveu-se em contexto de EPE, numa instituição da qual não conhecíamos nem o grupo nem a educadora cooperante. Assim, as primeiras semanas foram de adaptação, observação e recolha de

informação das crianças, nomeadamente das principais dificuldades de cada uma, bem como da prática da educadora cooperante.

Não é fácil trabalhar nesta área, pois exige muito trabalho por parte do educador e da equipa educativa. Todas as crianças são diferentes e cada uma aprende a um ritmo próprio. O educador tem de saber adaptar-se ao nível de desenvolvimento de cada criança e, por isso, aquilo que põe em prática para o processo de formação/aprendizagem tem que ser tido em conta.

Na primeira semana de estágio, que foi de observação, tentámos apreender aquilo que a educadora fazia, para poder aplicar nas nossas futuras planificações e dinamizações. Segundo o Ministério da Educação (1997, p. 25):

Observar cada criança e o grupo para conhecer as suas capacidades, interesses e dificuldades, recolher as informações sobre o contexto familiar e o meio em que as crianças vivem, são práticas necessárias para compreender melhor as características e adequar o processo educativo às suas necessidades. [...] A observação constitui, deste modo, a base do planeamento e da avaliação, servindo de suporte à intencionalidade do processo educativo.

Neste JI, o espaço estava organizado por áreas de interesse, em que as crianças podiam realizar livremente as suas atividades. A organização do espaço foi pensada e planeada pela educadora cooperante, indo ao encontro das preferências e necessidades do grupo.

Relativamente ao tempo, deve ser estruturado e flexibilizado, para que os diferentes momentos do dia façam sentido. À organização do tempo ao longo do dia, em contexto pré-escolar, chamamos vulgarmente rotina. Este é também de extrema importância na EPE, pois permite que as crianças saibam em que momentos do dia se encontram, transmitindo-lhes segurança e tranquilidade. Segundo as OCEPE, as referências temporais “são securizantes para a criança e servem como fundamento para a compreensão do tempo: passado, presente, futuro; contexto diário, semanal, mensal, anual” (ME, 1997, p. 40).

A rotina permite que as crianças saibam em que momentos do dia se encontram: os quadros reguladores, o quadro das presenças, do tempo, do calendário e o quadro do trabalho autónomo facilitavam a rotina das crianças, sendo preenchidos na parte da manhã, no momento do acolhimento.

A educadora, ao longo do estágio, dialogava com o grupo de estagiárias com a devida antecedência sobre os temas/conteúdos a serem abordados nas dinamizações seguintes. As planificações eram-lhe enviadas, a fim de possuímos um *feedback* ou

sugestões sobre as atividades ou materiais, sendo retificadas, se necessário, de acordo com o grupo com os conteúdos a abordar.

Ao longo do estágio, desenvolvemos todo o trabalho em grupo (planificações e materiais). Procurámos sempre desenvolver atividades lúdicas e motivadoras, a fim de conseguirmos desenvolver determinadas competências nas crianças, procurando que todos os materiais e atividades fossem pensadas e planeadas indo ao encontro das necessidades de todas as crianças. Assim, todo o trabalho desenvolvido foi pensado para as crianças, pois era para elas e por elas que estávamos ali, prontas a ajudá-las.

Relativamente ao material e à preparação das atividades, tentámos sempre interligá-las com a temática ou vivências da época, definindo objetivos e competências que queríamos que as crianças alcançassem ou desenvolvessem. O material foi sempre explorado na sala de atividades, juntamente com as crianças e afixado nos placares, quando possível. Os cartazes construídos juntamente com as crianças eram também afixados nos placares.

O grupo de crianças, em geral, gostava muito de atividades de “faz-de-conta”, Expressão Motora e Expressão Musical. Procurámos, pois, desenvolver atividades nesses domínios, interligando as diferentes temáticas e áreas de conteúdo. Nos momentos de maior agitação, era através da Expressão Musical (músicas e canções com pequenos movimentos) que se obtinha o bom ambiente na sala de atividades.

Durante a PES II a maior dificuldade sentida, na minha perspetiva, foi a adequar a linguagem ao grupo de crianças. No entanto foi algo que ao longo do tempo foi melhorado. A organização do grupo nem sempre foi fácil, mas optámos por recorrer a pequenas músicas e/ou lengalengas para desenvolver o oral e motivar as crianças para as atividades, uma vez que as mesmas se distraem com muita facilidade e, nestas faixas etárias, é complicado manter o constante interesse e atenção da criança numa só atividade/tarefa. Assim, acredito que os momentos de retorno à calma foram essenciais para o desenrolar de todas as atividades, mas também para a harmonia do grupo. Outra das dificuldades sentidas, mas que foi sendo ultrapassada, foi o trabalho em torno da área da Matemática, ou seja, sentimos dificuldade em identificar os conteúdos matemáticos mais apropriados para a faixa etária, bem como na forma de os explorar com o grupo de crianças.

Neste percurso, o papel dos professores e supervisores do Mestrado foi fundamental, pois garantiu-nos um sentimento de maior segurança, uma vez que se mostraram sempre dispostos a colaborar, a sugerir estratégias de ensino aprendizagem mais adequadas e vantajosas, ajudando-nos na resolução de certos problemas.

Ao longo das intervenções procurámos sempre ultrapassar as nossas dificuldades, bem como nos preocupámos em refletir e melhorar as nossas práticas na tentativa de proporcionar os melhores momentos de aprendizagem às crianças com as quais as dinamizações foram realizadas.

Sempre nos mostrámos disponíveis para colaborar com a escola, com o agrupamento e com a comunidade envolvente em todos os eventos ou acontecimentos a preparar e a realizar, nomeadamente, na festa de Natal das crianças em que nos disponibilizámos para ensaiar com as crianças; acompanhámo-las em visitas fora da instituição, como por exemplo, a ida à residência de uma senhora idosa, para reforçar nas crianças o sentimento de partilha e de solidariedade.

Em suma, as práticas desenvolvidas revestiram-se, de um caráter lúdico que despertaram o interesse e a predisposição das crianças para a aprendizagem de novas temáticas.

### **III) Análise das competências e conhecimentos profissionais desenvolvidos.**

Finalizado este ciclo de aprendizagens surge o momento de efetuar uma autoavaliação das práticas concretizadas no âmbito do 1.º CEB e EPE.

Como já foi referido, a reflexão sobre a ação e sobre a ação na ação são aspetos fundamentais no campo da docência, ou seja, sermos capazes de fazer uma retrospectiva sobre as ações implementadas, sobre as ocorrências, sobre os produtos do trabalho realizado e conseguir analisá-los e avaliá-los, refletindo sobre como melhorá-los. O processo de avaliação, enquanto elemento integrante e regulador da prática educativa, permite que haja recolha de informação de forma sistemática que, quando analisada e interpretada, professores e educadores serão capazes de tomar decisões de forma mais segura, eficaz e sustentada.

É através da autoavaliação que um professor ou educador de infância consegue melhorar a sua prática, ajudar os seus alunos nas suas aprendizagens e ter uma retrospectiva do seu próprio trabalho.

Ao longo das práticas, existiu sempre a preocupação de recorrer à investigação por pesquisas, na preparação das planificações ou preparação de algum conteúdo a abordar, garantindo assim a preparação científica para resolver qualquer dúvida ou questão colocada por parte dos alunos. Procurou-se, sempre, desenvolver autonomia nos alunos e a sua plena inclusão, nomeadamente nas propostas de tarefa em grupo. Um aspeto que se teve sempre em atenção foi o bem-estar dos alunos e das crianças

na escola, respeitando as suas diferenças culturais e pessoais, valorizando sempre os diferentes saberes de cada uma. Deste modo uma das preocupações foi manter uma boa relação com todos os alunos, professora cooperante e educadora cooperante e toda a comunidade educativa envolvente, garantindo, um clima de bem-estar afetivo e segurança favorável a todos.

Assim, e tendo por base o Decreto-Lei n.º 241/2001, de 30 de agosto, onde é definido o perfil específico de desenvolvimento profissional do Educador de Infância e do Professor do 1.º CEB, será realizada uma análise das competências e conhecimentos profissionais desenvolvidos ao longo da PES II e III. A análise de ambos os níveis de ensino, 1.º CEB e EPE, será feita tendo em conta os dois aspetos essenciais mencionados no Decreto-Lei supracitado, ou seja, a conceção e desenvolvimento do currículo e a integração do currículo.

O decreto-lei n.º 241/2001 de 30 de agosto refere-se aos perfis específicos de desempenho profissional do educador de infância e do professor do 1.º CEB. Tal como no decreto-lei referido anteriormente, estes perfis destinam-se a docentes que já exerçam a sua profissão. Neste sentido, também iremos avaliar a nossa prática de estágio, desenvolvida ao longo da PES II e PES III.

### **No âmbito do 1.º Ciclo do Ensino Básico**

Ao nível do 1.º CEB, tendo em conta as práticas concretizadas e, relativamente à conceção e desenvolvimento do currículo, considera-se que existiu um recurso a um ensino integrante, mobilizando conhecimentos científicos que possibilitaram a aquisição de competências e a promoção da aprendizagem dos alunos. Refiro-me às situações e estratégias de ensino implementadas, em função dos momentos de avaliação. Dado que a turma integrava níveis de aprendizagens diversos, foi necessário recorrer a diferentes metodologias. Na verdade, estas proporcionaram a realização de um acompanhamento individualizado junto dos alunos com maiores dificuldades, assim como estimular a autonomia nos restantes. Para este efeito, o grupo de estágio optou por elaborar pequenas fichas de trabalho, às quais os alunos recorriam para dar continuidade ao seu trabalho.

O Decreto-lei em causa define que o professor do 1.º CEB deve avaliar, com instrumentos adequados, as aprendizagens dos alunos. Este aspeto assumiu grande importância, uma vez que ao longo das aulas, a avaliação das aprendizagens concretizadas foi utilizado para reajustar o ensino, garantindo-se assim a todos os alunos, momentos de aprendizagens.

O desenvolvimento nos alunos do respeito pelos outros concretizou-se através de atividades desenvolvidas a pares e em grupos assim com através do incentivo efetuado de forma a serem cumpridas as regras da sala de aula. Foi um passo muito complicado, visto que a turma era muito faladora e queria sempre mostrar os seus saberes sem que anteriormente lhe tenham dado permissão para falarem.

No que concerne ao meu relacionamento com a turma, considero que foi desenvolvida uma relação prestável, proporcionadora de tranquilidade às crianças, e algum respeito. Esta gerou um clima de bem-estar, criando-se assim condições para as diversas aprendizagens dos alunos.

Quanto à integração do currículo, existiu ao longo da prática desenvolvida a promoção de aprendizagens relevantes para a aquisição de competências nas áreas do saber que integram este nível de ensino. No que diz respeito área de português, e uma vez que a turma apresentava algumas dificuldades ao nível da escrita, foram desenvolvidas atividades em que se procurava resolver essas falhas, facilitando-se a aquisição de competências. Assim, procurámos desenvolver competências nos alunos ao nível da escrita e da leitura, incentivando-os sempre para a produção de textos escritos. Desta forma, de modo a serem promovidas competências, a produção de texto foi um aspeto trabalhado, que teve um acompanhamento individual por parte das estagiárias, no sentido de orientar os alunos na produção dos mesmos, dando-lhes indicações de produção textual. Numa das situações que ocorreu, os alunos necessitaram do apoio da estagiária para organizarem as suas ideias de modo a efetuarem a produção do texto a partir de uma sequência de imagens.

Relativamente à Matemática, também foi trabalhada e desenvolvida com os alunos, adaptando sempre situações à vida real ou a contextos já vividos pelos mesmos, com material didático apelativo, promovendo desta forma o gosto e o entusiasmo pela Matemática. Através de situações problema, promovemos a discussão em grande grupo, obtendo diversas formas de resolver, bem como representar uma dada situação, chegando desta forma à resolução do problema inicial.

No âmbito das Ciências Sociais e da Natureza, consideramos que fomos capazes de fomentar nos alunos a curiosidade, o gosto, e também o saber questionar uma dada realidade; saber a sua identidade, saber situar-se no tempo e também no espaço. Ao longo da prática, também desenvolvemos e concretizámos atividades experimentais com as quais explorámos as características de vários materiais. Uma das experiências realizadas com o grupo foi a germinação de sementes sobre o efeito de vários fatores (luz, água e solo).

Ao nível das Expressões, considero que o trabalho que foi desenvolvido durante as semanas de intervenção vai ao encontro do definido no Decreto-Lei n.º 241. Quanto à Expressão e Educação Físico Motora, esta não foi devidamente trabalhada e explorada, sendo um aspeto a ser melhorado. Na Expressão Plástica proporcionámos momentos de construção, através de vários materiais, recorte, colagens e pinturas. No âmbito da Expressão Dramática, através de jogos de mímica bem como através da representação de pequenos contos. Por último, a Expressão Musical foi desenvolvida e trabalhada através de ritmos e canções. De referir que ao longo da nossa prática as atividades centraram-se mais no Português, na Matemática e nas Ciências, e menos nas Expressões, embora as consideremos essenciais na formação dos alunos.

De uma forma geral podemos afirmar que desenvolvemos algumas competências e conhecimentos específicos do ensino do 1.º CEB, mas ainda há muito que aprender, no entanto todas as atividades desenvolvidas foram pensadas e planeadas na tentativa de proporcionar momentos de aprendizagem motivadores com o intuito de fomentar a curiosidade e o gosto em aprender.

### **No âmbito da Educação Pré-Escolar**

Tendo em atenção o decreto acima referido e o documento das OCEPE (ME, 1997), o educador deve ter em consideração distintas etapas, que se vão aprofundando com o tempo e experiência, relativamente à intencionalidade do processo educativo. Assim, o educador deve observar todas as crianças para compreender as suas capacidades e interesses e conhecer o seu contexto familiar e onde vive. Após a observação contínua das crianças, a verificações das capacidades que estas possuem e a sua evolução, é necessário que o educador adapte a sua intervenção e as suas estratégias de ação em função das diferentes crianças.

A observação constante constitui, assim, “a base do planeamento e da avaliação, servindo de suporte à intencionalidade do processo educativo” (ME, 1997, p. 25).

A organização do ambiente educativo, ou seja, a organização do espaço, tempo, grupo e comunidade educativa deve ser da responsabilidade do educador, tendo em consideração todas as características da criança e do grupo “de modo a proporcionar às crianças experiências educativas integradas” (Decreto-Lei n.º 241/2001, de 30 de agosto). Também o bem-estar e segurança de cada criança, de modo a que se sinta acolhida, escutada e valorizada, contribuindo “para a sua autoestima e

desejo de aprender”, deve ser um fator preponderante na construção deste ambiente educativo (ME, 1997, pp. 20-21).

No que diz respeito à integração do currículo, tentou-se sempre mobilizar o conhecimento e as competências necessárias ao desenvolvimento de um currículo integrado, no âmbito da expressão e comunicação e da área conhecimento do mundo. Procurou-se constantemente proporcionar um ambiente de estimulação e comunicação a todas as crianças, bem como a oportunidade específica de integração com adultos e com as restantes crianças. Ao longo da nossa prática, o grupo de estágio teve sempre em especial atenção o desenvolvimento das competências das crianças. Ou seja, um dos aspetos com que sempre nos preocupámos foi o da observação constante das crianças, quer em grupo quer no seu individual, na tentativa de detetar os aspetos facilitadores ou inibidores da aprendizagem, de todos e de cada um.

Importa referir que, além da observação constante, preocupamo-nos em assegurar o bem-estar das crianças para que as mesmas se sentissem seguras e importantes no seu grupo de pertença, ouvindo-as e valorizando as suas ideias e opiniões, partilhando também as nossas experiências o que fomentou um ambiente de maior segurança às crianças e ajudou a promover uma maior autonomia por parte das mesmas, pois estas sentiam-se mais seguras de si próprias e, como tal, mais capazes de desempenhar as suas tarefas de forma autónoma.

Por outro lado, na área de Expressão Motora, preocupámo-nos em desenvolver atividades motoras de forma diversificada, possibilitando às crianças experimentarem um pouco de tudo o que as metas de aprendizagem propõem, desde atividades rítmicas, circuitos de deslocamentos e equilíbrios, ginástica, entre outros.

No que diz respeito a esta área, acreditamos ter colocado as crianças perante o desafio, com atividades motivadoras e estimulantes. No que diz respeito às condições de segurança, de acompanhamento e de bem-estar das crianças, esta foi também uma preocupação do grupo de estágio frequente. Existiu sempre o cuidado de posicionar o material de modo a garantir a segurança das crianças. Procedemos à organização de dois grupos de crianças para que cada elemento do grupo de estágio pudesse efetuar um maior acompanhamento das mesmas no momento das atividades.

Relativamente à área de Expressão Musical, realizámos atividades que envolveram a manipulação de instrumentos musicais, entoação de canções, realização de ritmos corporais. A Expressão Musical integra todas as dinamizações e era uma forma motivadora de as crianças retornarem à calma ou de desenvolverem as suas tarefas de forma mais harmoniosa. Quando o grupo se encontrava na realização de tarefas individuais, a maior parte das vezes achou-se pertinente colocar música de

fundo, o que permitiu que houvesse uma maior harmonia na sala de aula, bem como maior envolvimento por parte das crianças na execução das suas tarefas.

Quanto à área de Expressão Plástica, as atividades realizadas possibilitaram a manipulação e exploração de diversos materiais, com diversas texturas e funções, através de recorte, colagem, pintura, entre outros. Por fim, consideramos que Expressão Dramática foi pouco desenvolvida, pois as crianças apenas se centravam em brincadeiras de “faz-de-conta”.

O conhecimento do mundo foi sendo explorado e trabalhado com as crianças de acordo com as vivências da época, nomeadamente através de experiências que envolviam água e gelo presenciadas na estação do inverno, estimulando assim a curiosidade nas crianças.

Foram, também, realizadas atividades de culinária onde as crianças puderam manipular os diversos ingredientes utilizados, bem como observar as transformações sofridas à medida que os ingredientes eram acrescentados, e ainda a diferença sofrida após o contacto com temperaturas elevadas.

A Matemática só era trabalhada uma vez por semana, mais propriamente à terça, dia em que a professora supervisora da área da Matemática se deslocava ao jardim para fazer a observação individual das estagiárias. Deste modo, foi a área menos explorada, aspeto que deverá ser melhorado ao longo da prática profissional. No entanto, foram desenvolvidas atividades que envolveram a exploração de conjuntos, a contagem, a criação e leitura de gráficos, padrões, entre outros.

De uma forma geral podemos afirmar que desenvolvemos algumas competências e conhecimentos específicos da EPE, mas ainda há muito que aprender. No entanto todas as atividades desenvolvidas foram pensadas e planeadas na tentativa de proporcionar momentos de aprendizagem motivadores com o intuito de fomentar a curiosidade e o gosto em aprender.

## **Parte II - Trabalho de investigação**

## **Introdução**

A Educação de Infância define-se com sendo a primeira etapa da educação ao longo da vida, promovendo, nas crianças o desenvolvimento de conhecimentos aliados a competências.

A Expressão Musical, área a que as crianças recorrem muitas vezes para se expressarem, presta um contributo importante para a sua formação. Devido ao facto de cantar ser considerada uma atividade habitual na EPE, pretende-se, com este estudo, averiguar qual o contributo da expressão musical para o desenvolvimento do oral das crianças que frequentam a educação pré-escolar.

Neste sentido, o presente estudo organiza-se em função de quatro pontos orientadores. No primeiro ponto, faz-se a delimitação do problema, apresentando a definição do objeto de estudo, a justificação e a relevância do mesmo, expondo-se ainda, as razões que levaram à realização do estudo. Apresenta-se, igualmente, a questão problema que vai orientar todo processo de investigação, assim como os objetivos associados à problemática.

De seguida apresenta-se a revisão da literatura que sustenta o enquadramento teórico do tema com base nos autores de referência.

Na parte da metodologia, foca-se a atenção essencialmente sobre a componente prática, apresentando as opções metodológicas pelas quais se orienta o estudo. Neste contexto, caracteriza-se a amostra selecionada para o estudo, as técnicas e os instrumentos de pesquisa, assim como o modo de análise e o tratamento de dados.

Por fim, apresenta-se a análise e a discussão dos dados. Conclui-se o trabalho com a apresentação da resposta que é possível dar, a partir da informação analisada à questão que desencadeou o estudo.

## **i ) Enquadramento teórico**

### **1.1 Contexto do problema**

A criança quando nasce necessita de condições concretas de vida para que se desenvolva a todos os níveis. É necessário explicitar que linguagem é um sistema complexo, com uma estrutura específica e regras próprias. De facto, o ser humano utiliza a linguagem para comunicar, exprimindo os seus sentimentos e emoções, organizando e reorganizando o pensamento.

Como tal, o ser humano nasce com particulares estruturas biológicas, características da espécie humana, que o leva a adquirir a linguagem, naturalmente, quando exposto a ambientes linguísticos.

Segundo Sim-Sim, Silva e Nunes (2008, p.11), adquirir e desenvolver a linguagem implica muito mais do que aprender palavras novas, implica ser capaz de produzir todos os sons da língua, bem como compreender e fazer uso das regras gramaticais. Assim, a linguagem constrói-se, naturalmente, num processo complexo, no qual a criança, através da interação com os outros, adquire e estrutura o sistema linguístico da sua língua materna, extraíndo e assimilando regras da mesma.

O desenvolvimento da linguagem oral é, então, considerado uma capacidade natural, mas que só acontece devido à influência das experiências a que a criança é exposta. Como tal, o meio ambiente em que está inserido e, conseqüentemente, a sua qualidade, influencia a qualidade do desenvolvimento da linguagem.

De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE), a aquisição e desenvolvimento da linguagem oral é um objetivo fundamental da educação pré-escolar, tornando-se, portanto, essencial que o jardim-de-infância (JI) proporcione experiências diversificadas, desafiantes e estimuladoras, de forma a criar um ambiente motivador de desenvolvimento da linguagem na criança.

### **1.2 Justificação da sua pertinência**

Devido à importância da expressão musical na EPE, torna-se pertinente analisar o papel que o educador de infância assume no desenvolvimento da mesma. A expressão musical desenvolve-se em torno de cinco eixos: escutar, cantar, dançar, tocar e criar (ME, 1997, p. 64).

Assim, tendo por base a escuta e o canto, considera-se fundamental investigar o modo como, através destes a aprendizagem é proporcionada às crianças, ou seja, qual o processo e as potencialidades do seu uso para o desenvolvimento do oral nas

crianças na educação pré-escolar. Segundo a Lei n.º 5/97, Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar:

A educação pré-escolar é a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida, sendo complementar da ação educativa da família, com a qual deve estabelecer estreita cooperação, favorecendo a formação e o desenvolvimento equilibrado da criança, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário (Artigo n.º 2).

### **1.3 Definição de objetivos para a investigação**

Tendo em conta o problema enunciado, importa definir os objetivos a atingir. Desta forma, os objetivos gerais delineados são os seguintes:

- Analisar de que forma a linguagem oral é desenvolvida nas crianças em idade pré-escolar;
- Averiguar as atividades que se desenvolvem a nível da expressão musical;
- Conhecer de que forma é explorada a expressão musical no contexto da educação pré-escolar, tendo em conta o desenvolvimento da linguagem oral;
- Aferir a articulação entre a expressão musical e o desenvolvimento da linguagem oral.

## ii) Revisão da literatura

### Literacia Emergente

O conceito de *literacia* surgiu na década de 80, simultaneamente em vários países, correspondendo ao termo inglês, *literacy*. Este termo surgiu “[...] como resposta a mudanças estruturais na sociedade, sociedade esta em constante transformações e com novas exigências em leitura” (Carvalho e Sousa, 2011, p. 112).

Gomes e Santos (2005), baseando-se em Gillen e Hall (2003), referem-se à literacia, destacando a sua dimensão social, a sua ligação com as práticas linguísticas e culturais, e com as relações de poder, em diversos contextos. Nesta perspectiva, a Literacia é, pois, um saber complexo e multifacetado, no qual interferem diversos fatores «individuais, familiares, educacionais, económicos, sociais e culturais» (Gomes & Santos, 2005, pp. 312-313). Os mesmos autores anotam também que a literacia assume um aspeto dinâmico, uma vez que se vai desenvolvendo e modificando, nos indivíduos, conforme as vivências e as interações que estes experimentam, ao longo da sua vida. Sublinhando a importância da literacia, na vida em sociedade, Carvalho e Sousa, (2011, p. 110) anotam que a mesma permite que o indivíduo compreenda melhor o *meio* em que vive, sendo, assim, capaz de se mover livremente na sociedade e de satisfazer as suas necessidades, nos planos individual, social, económico e profissional.

Como salienta Mata (2008), até há poucos anos atrás, não se tinha consciência da importância das conceções emergentes de literacia, bem como dos conhecimentos adquiridos anteriormente à entrada na escola.

A literatura, segundo Mata (2006), tem sugerido que existem três conjuntos de competências associados ao sucesso nas tarefas de leitura/escrita: competências de linguagem oral, conhecimento acerca do impresso e competências de processamento fonológico.

Neste sentido, os contextos com os quais a criança interage na infância, são de uma extrema importância, uma vez que são o primeiro mediador, onde a criança inicia as suas construções sobre a realidade. Dadas as características da sociedade atual, são as instituições educativas que se constituem como contextos significativos de promoção de competências de literacia emergente.

Segundo Azevedo (2005), o educador deve permitir à criança o uso da língua em múltiplos e variados contextos e situações para que esta aprenda a não ficar passiva perante a aprendizagem, mas antes pelo contrário para que seja um ator interventivo nesta dinâmica do uso da linguagem. A língua, segundo este autor,

desempenha para além do papel comunicativo, vários outros relacionados com o comportamento social.

As OCEPE apontam também para esta perspectiva, ao integrarem como área de conhecimento a expressão e comunicação, onde se valorizam as múltiplas formas que as crianças têm de expressar as suas concepções, emoções e sentimentos que constroem em interação social.

Tal como aponta Azevedo (2005), a respeito da necessidade de olhar para a literacia de forma não compartimentada e isolada em termos curriculares, a EPE tem um papel muito importante na construção de competências de literacia através de práticas estimuladoras de um contacto da criança com o capital cultural que é a língua, nas suas vertentes oral e escrita. A este respeito, o autor refere o seguinte:

Em crianças de idade pré-escolar, há todo um trabalho de familiarização e de estimulação da curiosidade acerca do papel da linguagem verbal e, em particular, acerca do contacto com materiais escritos e hábitos de recriação verbal de situações, cuja importância no desenvolvimento e manifestação posterior de comportamentos de literacia não é de descurar (Azevedo, 2005, p. 34).

O domínio da linguagem e comunicação, pretende aumentar progressivamente o interesse em comunicar em diferentes situações, desenvolver competências comunicativas, enriquecer o vocabulário e incentivar a emergência da escrita (ME, 1997, pp. 66 - 67).

A este propósito, Sim-Sim, Silva e Nunes (2008), referem que:

Adquirir e desenvolver a linguagem implica muito mais do que aprender palavras novas, ser capaz de produzir todos os sons da língua ou de compreender e de fazer uso das regras gramaticais. É um processo complexo e fascinante em que a criança, através da interação com os outros, (re) constrói, natural e intuitivamente, o sistema linguístico da comunidade onde está inserida, isto é, apropria-se da língua materna. Ao mesmo tempo que adquire a língua materna, a criança serve-se dessa língua para comunicar e para, simultaneamente aprender acerca do mundo (p.11).

O jardim-de-infância, numa estreita parceria com as famílias, assume um papel de grande relevância na promoção de competências de literacia em crianças de idade pré-escolar. Sendo a criança um ser muito social e interativo, a comunicação, linguagem e o conhecimento são três pilares que sustentam o seu dia-a-dia.

As crianças adquirem a respetiva língua materna ao mesmo tempo que desenvolvem competências comunicativas, através de interações significativas com outros falantes que as escutam e que vão ao encontro do que elas querem expressar. Assim, o adulto tem um papel muito importante no desenvolvimento e aquisição de competências linguísticas, escutando a criança, conversando, questionando as suas produções. Esta atitude “ajuda a criança a expandir os seus conhecimentos” (Sim-Sim, Silva & Nunes, 2008, p. 11). A aprendizagem baseia-se na exploração do carácter lúdico da linguagem, no prazer em lidar com as palavras, inventar sons e descobrir as relações. A linguagem oral está presente no quotidiano do jardim-de-infância, traduzindo-se no ambiente educativo que rodeia a criança e que é construído com o grupo: as regras, na organização do ambiente educativo e a construção da sinalética existente na sala, os registos produzidos pelas crianças e “escritos” pelo educador, são instrumentos facilitadores do desenvolvimento da linguagem oral.

### **Aquisição e desenvolvimento da linguagem**

A criança, ao nascer, acelera o seu desenvolvimento a diversos níveis. Entre estes níveis surge a linguagem que, segundo Sousa e Correia (1994, sp), é um fator determinante no desenvolvimento humano. É necessário explicitar que a linguagem é um sistema linguístico complexo, com uma estrutura específica e regras próprias. De facto, o ser humano utiliza a linguagem para comunicar, exprimindo os seus sentimentos e emoções, organizando e reorganizando o pensamento.

O desenvolvimento da linguagem, iniciado com o nascimento, é assim um aspeto crucial no trabalho a desenvolver com as crianças em EPE.

Durante os primeiros meses de vida a criança grita, faz movimentos expressivos, depois começa a balbuciar. Por sua vez este balbucio é o que antecede a linguagem. É de uma riqueza enorme e compreende fonemas que não existem na língua falada em torno da criança. Depois dos 15 meses, a criança começa a adquirir a linguagem falada, passando a pronunciar algumas palavras. Dos 18 meses aos 3 anos, a criança vai desenvolvendo conhecimentos da língua materna através de imitação. Por fim, depois dos 3 anos, abandona esta fase da imitação e passa a utilizar a língua, produzindo frases curtas, mas cada vez mais elaboradas.

O linguística Michael Halliday (1973), num dos seus estudos verificou que as crianças de 3 a 4 anos progredem para um estágio de uso de linguagem que lhes permite comunicar os seus sentimentos e desejos, interagir com outras pessoas, perguntar coisas e questionar sobre elas. Assim, as crianças em idade pré-escolar constroem à sua maneira o seu percurso linguístico. A linguagem das crianças evolui

progressivamente passando de expressões com apenas duas ou poucas palavras (“dá”, “quê sumo”), para frases (“Eu quero beber sumo”). Esta evolução na linguagem infantil resulta das trocas de comunicação entre as crianças e os adultos.

As crianças aprendem ao tentarem perceber e definir as regras de funcionamento da linguagem, experimentando-as e por fim, revendo-as. Ou seja, o desenvolvimento da linguagem ocorre em ambientes onde as crianças vivem experiências sobre as quais querem falar, com pessoas que as escutam e estimulam.

Segundo Maher, citado por Hohmann e Weikart (2003) “a linguagem é constituída por um processo interativo, ou seja, quando as crianças se encontram num ambiente onde a comunicação, escrita e oral, é valorizada, adquirem uma enorme vontade de dominar a linguagem” (p. 526).

Quando existe interação entre o educador e a criança é pertinente que exista um ambiente de ruído proveniente das crianças. É natural que haja comunicação do educador, mas também que este lhes dê possibilidade de exercerem a sua necessidade de comunicar.

Segundo, Hohmann e Weikart (2003), “o processo de desenvolvimento da linguagem não é um processo silencioso, mas ao invés, barulhento, cheio de atividades, conversas, risos, pensar em voz alta, diálogo e descoberta” (p. 527).

De acordo com Joan Tough (1977), “todas as aprendizagens das crianças são baseadas nas suas próprias experiências diretas. Aprender a usar a linguagem não é exceção. As crianças aprendem a usar a linguagem desde que começam a comunicar com as outras pessoas (...)” ( pp. 174-175).

De facto, a criança, ao adquirir e desenvolver a linguagem, passa por um processo considerado holístico, uma vez que apreende, em simultâneo, as suas diferentes componentes.

O desenvolvimento da linguagem oral é, então, considerado uma capacidade natural, mas que só acontece devido à influência das experiências a que a criança é exposta, isto é, o meio ambiente em que está inserida e, conseqüentemente, a sua qualidade influencia a qualidade do desenvolvimento da linguagem.

À luz das OCEPE (ME, 1997), a aquisição de um maior domínio da linguagem oral é um objetivo fundamental da EPE, tornando-se portanto, essencial que as instituições educativas, particularmente o jardim-de-infância, proporcionem experiências diversificadas, desafiantes e estimuladoras, de forma a criar um ambiente motivador de desenvolvimento da linguagem na criança.

Quanto mais estimulante e rico for o ambiente linguístico, maior será a qualidade do desenvolvimento. Para que as crianças desenvolvam a sua língua

materna, é preciso que este ambiente seja rico em interação comunicativa, pois esta será determinante para a plena aquisição e desenvolvimento da linguagem oral.

Para tal, o educador deve ter consciência da importância da ativação do desenvolvimento da linguagem, ou seja das estratégias pedagógicas de aprendizagem ativa que podem contribuir para a otimização do desenvolvimento da linguagem oral.

Para Sim-Sim, Duarte e Ferraz (1997), “a expressão oral é a capacidade para produzir cadeias fônicas dotadas de significado e conforme a gramática de uma língua. Esta capacidade de envolver o planejamento do que se pretende dizer a formatação linguística do enunciado e a execução articulatória do mesmo” (1997, p.28).

A criança, ao longo da educação pré-escolar deve aprender a expressar-se através da linguagem:

A aquisição de um maior domínio da linguagem oral é um objetivo fundamental da educação pré-escolar; é no clima de comunicação criado pelo educador que a criança irá dominando a linguagem, alargando o seu vocabulário, construindo frases mais corretas e complexas, adquirindo um maior domínio da expressão e comunicação; facilitam a clareza de articulação (as interações proporcionadas pela vida de grupo, no diálogo com outra criança ou com o adulto constituem ocasiões de comunicação diferentes (...)) levam a criança a apropriar-se progressivamente das diferentes funções da linguagem e adequar a sua comunicação a situações diversas. (ME, 1997, pp. 66-68)

A linguagem é a forma habitual de comunicação humana. O desenvolvimento da linguagem refere-se à aquisição de palavras, suas componentes e funções, como a fonologia, semântica, gramática e pragmática. A linguagem tem uma função organizadora do pensamento, permite categorizar a realidade e dirigir as ações.

Segundo Piaget, citado por Borràs (2002), “a linguagem aparece ao mesmo tempo que a capacidade de simbolização e representação. Esta evolução está submetida à evolução cognitiva da criança.” (p.390). Por outro lado, para Vygotsky, também citado por Borràs (2002), “a linguagem surge, no início, como meio de comunicação entre a criança e as pessoas que a rodeiam” (390).

A Linguagem Oral é um instrumento de ensino e aprendizagem. A escola pode ajudar a desenvolver nas crianças o interesse e a capacidade para a comunicação, contribuindo, assim, para o desenvolvimento da capacidade de selecionar as suas palavras, para que construam as suas frases e utilizem o seu tom de voz cada vez

melhor e pode intensificar também a sensibilidade pela beleza e precisão da linguagem.

Deste modo, convém ter em atenção que, para a programação de atividades para o desenvolvimento da compreensão e da expressão do oral, deve-se considerar uma serie de pontos, ou seja; estimular as capacidades de interpretação das diferentes intenções comunicativas do falante; exercitar a audição geral até chegar à diferenciação de todos os fonemas da língua de aprendizagem; interpretar pequenas explicações, ou seja, a criança retrata aquilo que fez no dia anterior; interpretar ordens simples; expressar ideias ordenadamente, utilizando a entoação adequada; emitir corretamente os sons, de frases adequadas à idade; narrar ordenadamente numa sequência temporal; evocar e memorizar fragmentos (poesias, musicas, poemas, entre outros).

Assim, o educador aproveita cada um dos momentos de relação com a criança para lhe ampliar a bagagem linguística, mediante perguntas e observações. Segundo o Manual de Educação Infantil, volume III, “na linguagem oral, uma das atividades mais frequentes próprias da educação infantil é a narração de contos” (Borràs, 2002, p. 398).

A compreensão e a expressão são duas vertentes inseparáveis da linguagem, uma vez que na sua prática não podem ser abordadas separadamente. Quando se produz a comunicação, quer o emissor quer o recetor da mensagem, pode ligar-se à vertente expressiva ou compreensiva (recetora) mas não se pode esquecer que não existe linguagem expressiva sem a compreensão e que uma palavra é compreendida em profundidade quando se utiliza em contextos múltiplos e diferenciados. Utiliza a linguagem como um jogo (produz e escuta sons) e como meio de comunicação (questiona e responde).

O desenvolvimento da Expressão Oral verifica-se através da utilização de descrições de objetos, factos ou situações, narração de factos vividos ou inventados. Segundo Sim-Sim, Silva e Nunes (2008):

A educação pré-escolar, ainda que de frequência facultativa, é o primeiro degrau de um longo caminho educativo com um peso decisivo no sucesso escolar e social dos jovens, e o jardim-de-infância configura-se como um espaço de tempo privilegiado para aprendizagens estruturantes e decisivas no desenvolvimento da criança. Nesse processo, são inquestionáveis, o papel e a importância da linguagem como capacidade e veículo de comunicação e de acesso ao conhecimento sobre o mundo e sobre a vida pessoal e social (p. 7).

A interação verbal é o meio mais elaborado e privilegiado da interação comunicativa.

Assim, a criança adquire a língua materna e pensa simbolicamente e aprende sobre o real físico, social e afetivo. Por sua vez, o educador tem consciência que é um modelo para as crianças, ou seja, há muitas palavras ditas pelo educador que são ouvidas pela primeira vez e que as crianças mais tarde passam a utilizá-las.

Desta forma, para que a criança possa aprender a comunicar usando a língua materna, necessita de estar num ambiente onde ouça falar e tenha, deste modo, oportunidade para falar com pessoas que usam a mesma língua. Para além do contexto familiar, também o ambiente educativo de jardim-de-infância deve constituir um dos contextos privilegiados para o desenvolvimento das capacidades comunicativas das crianças, necessárias para um futuro vindouro. “Para que a criança possa ter um papel ativo no ato comunicativo e interagir com os outros nas conversas, há que considerar também os meios que usa para receber e transmitir mensagens” (Sim-Sim, Silva & Nunes, 2008, p. 32).

Desde cedo a criança utiliza um meio próprio para comunicar e o adulto, aos poucos, vai interagindo, atribuindo significados aos seus comportamentos e respondendo às suas necessidades. Quando a criança entra no JI, este deve “proporcionar experiências diversificadas, desafiantes e significativas, que motivem a criança a interagir e a partilhar vivências, ideias e sentimentos, de forma consistente e sistemática” (Sim-Sim, Silva & Nunes, 2008, p. 35). O educador deve orientar a criança a “ouvir falar e a expressar-se se, consoante certos contextos e objetivos de situação” (Sim-Sim, Silva & Nunes, 2008, p. 37).

Saber escutar é uma tarefa ativa com grande valor informativo no que respeita quer à comunicação quer à aprendizagem. Assim, o educador deve ajudar as crianças a gerirem a sua capacidade de atenção, através de atividades que as ensinem a saber escutar. Por outro lado, ser capaz de comunicar de forma eficaz e adaptada ao contexto implica dominar um conjunto de regras do uso da língua, e o JI é um espaço privilegiado para proporcionar oportunidades às crianças para se expressarem e desenvolverem a sua capacidade de expressão oral.

Para finalizar, e segundo as OCEPE, existem várias atividades que as crianças, com ajuda do educador, podem desenvolver: “as rimas, as lengalengas, os trava-línguas e as adivinhas são aspetos da tradição cultural portuguesa que podem ser trabalhados na educação pré-escolar.” (ME, 1997, p.67).

Assim, o educador necessita de proporcionar às crianças diferentes situações de comunicação “em diferentes contextos, com diversos interlocutores, conteúdos e

intenções” (ME,1997, p. 68), permitindo à criança um bom desempenho no desenvolvimento das suas capacidades.

No mesmo documento, a comunicação das crianças com adultos é apresentado como meio de diversificar as situações de comunicação, para que as crianças possam apropriar-se das diferentes funções da linguagem.

Os educadores necessitam, também, de ter em conta a importância da comunicação não-verbal, a qual permite exprimir e comunicar pensamentos através do corpo e a descodificação de diferentes códigos quer convencionais, quer através da criação de símbolos próprios.

### **Expressão Musical**

De acordo com Willems (1970), cada um dos elementos da música (ritmo, melodia e harmonia) corresponde a um aspeto humano específico, que mobiliza com exclusividade, ou seja, o ritmo musical induz ao movimento corporal e a melodia estimula a afetividade.

A música merece ocupar um lugar importante. Ela enriquece o ser humano pelo poder do som e do ritmo, pelas virtudes próprias da melodia e da harmonia; (...) A música favorece o impulso da vida interior e apela para as principais faculdades humanas: vontade, sensibilidade, amor, inteligência e imaginação criadora. (*Willems, 1970, pp. 11-12*)

O contacto com a Expressão Musical permite à criança desenvolver o conhecimento relativo à música propriamente dita, mas também conhecer-se melhor a si própria, ao outro e à vida, expandir os seus conhecimentos relativos ao mundo que a rodeia, desenvolver a sua personalidade, através do contacto com novos valores, estabelecer uma boa comunicação com o outro. Em termos de comunicação, permite a criança aumentar o seu vocabulário, melhorar a capacidade de memorização e encontrar novos meios para comunicar.

Desde muito cedo, a criança é sensível aos estímulos sonoros. De facto, Sim-Sim, Silva & Nunes (2008) referem que:

A capacidade para discriminar sons da fala é inata e desde o nascimento o bebé reage a variações acústicas relacionadas com a voz humana. Pouco tempo depois, reconhece a voz materna, distingue vozes masculinas de vozes femininas e é capaz de discriminar sons da fala com base nas diferenças segmentais mínimas entre os sons (p. 14).

Canez (2008) refere que falar da canção de embalar é considerar diversos aspetos estruturantes na literatura oral. “A letra de canção (o texto), a música (o ritmo), e o movimento balanceado (gesto)” (Canez, 2008, p. 32) são as bases fundamentais para que a criança desenvolva o gosto pela música.

As canções e as melodias são um excelente meio para a aquisição e desenvolvimento da linguagem. Segundo Willems (1970), “algumas crianças são mesmo capazes de cantar numerosas canções antes da idade de dois anos, por vezes, mesmo antes de saber falar.” (p.18)

Timothy Rasinski e Nancy Padak (2008), citados por Azevedo e Martins (2013), sublinham que as canções podem ajudar a aprender fonemas e a desenvolver a consciência fonémica, permitindo reconhecer e utilizar rimas, memorizar palavras e frases.

As interações verbais e as canções também são outro meio para a aquisição de competências trabalhadas na EPE. Assim, este tipo de contacto com a música e com a linguagem deve existir sempre antes de uma aprendizagem formal. Desta forma, as crianças começam a usar a voz falada e a voz cantada e percebem as suas diferenças e finalidades.

Gordon (2000) considera que “embora a música seja uma literatura e não uma linguagem, as crianças aprendem música numa forma muito semelhante à que aprendem a língua” (p. 8).

Neste sentido, constata-se que os domínios da expressão musical e da linguagem oral e abordagem à escrita devem desenvolver-se conjuntamente. Deste modo, a audição de CD's de música, de contos, podem ser elementos fundamentais para a motivação das crianças no que concerne à linguagem e à leitura.

### **Desenvolvimento musical nas crianças**

A Música é um elemento fundamental nos primeiros anos de vida da criança, uma vez que ainda dentro do útero da mãe os bebés conseguem ouvir música e corresponder com pontapés e movimento. Quando recém-nascidos, respondem ao som da música com movimentos do corpo ou deixando-se adormecer.

As crianças de 2 anos constroem as suas palavras musicais e cantam partes de canções conhecidas. Por outro lado, as crianças já são capazes de mexer-se de acordo com o ritmo da música, ou dançar em conformidade com o ritmo da música, tocar instrumentos musicais simples de forma deliberada e organizada. Nesta fase, as crianças, quando desenvolvida a linguagem, conseguem cantar canções inteiras e, por vezes, criar as suas próprias canções. Com a linguagem e a concentração em

desenvolvimento, as crianças são capazes de memorizar canções, ou seja, lembrar-se das palavras associadas à melodia.

A Música transmite emoções, salienta experiências e marca ocasiões especiais. “Como a literacia emerge num meio em que há riqueza de linguagem, a musicalidade surge num meio vivo em música” (Hohmann & Weikart, 2003, p. 658); por isso, o desenvolvimento musical das crianças e a sua capacidade de comunicar através da música florescem em culturas e contextos em que os membros da comunidade valorizam e apreciam música.

### **Aprendizagem da Linguagem Musical**

Segundo alguns pedagogos musicais do século XX (Emilie - Jaques Dalcroze, Zoltán Kodály, Willems, entre outros) a educação musical colabora na educação integral do indivíduo, ou seja a música é entendida como uma atividade do quotidiano, que faz parte da experiência lúdica.

Desde muito cedo que as crianças experimentam vivências efetivas relacionadas com a música, como ouvir canções.

No Jardim de Infância, a música deve chegar às crianças de forma adequada, ou seja deve-se desenvolver um ouvido disposto a escutar e a receber estímulos sonoros que permitam ligar-se com a música, através da audição de vários sons. Assim, pretende-se que as crianças descubram e desenvolvam a sensibilidade musical, sintam gosto e prazer estético em cantar, em ouvir música, dançar ou brincar com os sons.

No que respeita às escolhas das canções, estas devem estar ao alcance das crianças, ou seja, ter-se em atenção a idade, os interesses, as brincadeiras e o seu desenvolvimento vocal. Aconselham-se canções tradicionais do país, uma vez que nelas se encontram ingredientes musicais e linguísticos, de conceito e de interesse.

Ao trabalhar uma canção infantil, o educador deverá estar bem preparado de modo a que as crianças consigam atingir o gosto pela música. Deverá proporcionar um ambiente de silêncio, articular claramente o texto, respirar bem sem cortar as frases, e entoar a melodia de modo seguro. Ao ouvir uma melodia as crianças deverão desfrutá-la de modo a compreender a sua qualidade e saber distinguir os diversos sons, distinguir vozes humanas e instrumentos, diferenciar o agudo-grave, forte-fraco, andamento rápido-lento. Para estimular a participação das crianças, o educador pode sugerir que façam o acompanhamento da canção com palmas, seguindo a pulsação ou o ritmo. Por outro lado, é muito importante ensinar às crianças a escutar o silêncio e a aprender a ouvi-lo e a senti-lo, porque este também faz parte da música.

Contudo, o ensino da música nos dias de hoje tem-se tornado difícil. Segundo Valente (1999), “o professor (educador) necessita de apoio do especialista sobretudo em áreas mais especializadas, como na música” (p. 78). O professor generalista deve contribuir para que a criança perspetive a música como parte integrante do currículo e não como uma disciplina à margem.

Matias e Abeledo (2008) sustentam que “a falta de formação na área da expressão musical é uma condição marcante no desenvolvimento do currículo ao nível da expressão musical (p. 13), e condiciona o trabalho realizado em sala de aula. Destaca-se aqui o papel importante do professor especializado em música, como coadjuvante do professor generalista.

Segundo Gordon (2000), todas as crianças nascem com uma disposição natural para a música e para o canto que, de acordo com a sua estimulação, será desenvolvida, atenuada ou mesmo extinta. Assim, desde cedo, a criança deverá experimentar a prática de canto a solo ou em grupo. Cantar, para Pereira (2009) é um ato alegadamente natural pelo que não necessita de ser ensinado.

A criança necessita apenas que lhe proporcionem algumas noções breves e claras acerca do modo ideal de funcionamento do seu aparelho vocal, para que possa entender o correto mecanismo da voz cantada.

Segundo Escudero (1987):

Quando a criança inicia a escola e começa a aprender a ler, recitar, cantar, falar e dar lições em voz alta, a sua voz, sem se dar conta, começa a adquirir a sua natureza prática, pelo que se deve dar muita importância à educação respiratória e vocal. A ausência de preocupação com estas matérias, que se tem verificado desde sempre, pode ser motivo de atraso pedagógico e, falta de aproveitamento escolar. (p. 6)

Falsh (1998) afirma, a propósito desta temática que:

As canções proporcionam às crianças experiências de diferentes padrões rítmicos, recursos melódicos, possibilidades dinâmicas e qualidade vocal. Devem proporcionar também uma variedade de estilos musicais, e sentimentos que reflitam diferentes culturas e usos da voz cantada (p. 92).

Para tal, no processo educativo é a própria criança que descobre a sua “voz que canta” e a vai construindo, pouco a pouco, com ajuda do professor (Giga, 2008).

Em síntese, conclui-se que aprender a cantar de forma correta e consistente, mais que aprender canções pelos eventuais méritos dos seus textos, é também

aceder a um mundo cultural e artístico, ao conhecimento de um repositório, ao desenvolvimento da autoestima, à capacidade de partilhar e ao desenvolvimento da sensibilidade estética.

### **Benefícios da Música para o Desenvolvimento da Criança**

A Música deverá ser considerada uma verdadeira linguagem de expressão, que contribui para a formação global da criança, além de estimular o equilíbrio, a criatividade, a sensibilidade e a autoestima. Assim, a Música é uma das formas mais importantes da expressão humana, o que por si só justifica a sua presença no processo de alfabetização.

Quando se pensa em canções como um recurso para auxiliar o processo de aquisição da linguagem oral e escrita, bem como para estimular a expressão corporal, essa proposta não poderá caminhar solitária e nem considerar que, neste caso, a música tem um fim em si mesmo.

Dentro da mesma linha, a música é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento de identidade e autonomia. O facto de a criança, desde muito cedo, poder comunicar por meio de gestos, sons e mais tarde representar determinado papel numa brincadeira faz com que ela desenvolva a sua imaginação. Logo, a prática musical nos primeiros anos de vida poderá ser trabalhada de forma lúdica, por meio de imitação de vozes de animais, ruídos, batidas dos pés, jogos, etc.

A Música é uma linguagem que ajuda o ser humano a expressar, com mais facilidade, a suas emoções, sentimentos e ser criativo. Pode dizer-se que a música atrai e envolve a criança, serve de motivação, eleva a autoestima, a capacidade de concentração e a criatividade.

Do mesmo modo, o uso de rimas nas poesias diverte as crianças, chamando a atenção para o seu som e facilitando a relação entre a oralidade e a escrita, exercendo grande influência sobre a criança. Desta forma, os jogos rimados devem ser aproveitados e incentivados na escola, uma vez que a música é linguagem e parte integrante da infância. Rosa (1990) chama a atenção para a importância do educador proporcionar momentos onde a criança descubra, analise e compreenda os ritmos do mundo, através da observação e do contacto com instrumentos musicais, com a dança, etc.

### **A Expressão Musical no Jardim de Infância**

Durante, a EPE, destaca-se a necessidade que a criança demonstra em querer expressar-se, sendo que para tal o educador deverá proporcionar-lhe situações e

experiências de aprendizagem diversificadas. Desta forma, as expressões deverão ser introduzidas na EPE como “meios de comunicação que apelam para uma sensibilização estética e exigem o progressivo domínio de instrumentos e técnicas” (ME, 1997, p. 57).

A Música no JI enquadra-se na área de Expressão e Comunicação - domínio da Expressão Musical. A Expressão Musical pressupõe uma forma de expressão de sentimentos, ou seja:

Assenta num trabalho de exploração de sons e ritmos, que a criança produz e explora espontaneamente e que vai aprendendo a identificar e a produzir, com base num trabalho sobre os diversos aspetos que caracterizam os sons: intensidade (fortes e fracos), altura (grave e agudos), timbre (modo de produção), duração (longos e curtos), chegando à audição interior (ME, 1997, pp. 63-64)

A Expressão Musical é um elemento imprescindível da educação básica a que as crianças têm total direito. Deste modo, a expressão musical é trabalhada com as crianças em torno da exploração dos sons e ritmos que elas mesmas produzem e exploram espontaneamente. Assim, as crianças vão aprendendo a identificar e a produzir de acordo com as principais características dos sons (intensidade, altura, timbre e duração).

Ainda segundo as orientações curriculares, a expressão musical está intimamente relacionada com a educação musical que se desenvolve, na EPE, em torno de cinco eixos fundamentais: escutar, cantar, dançar, tocar e criar” (ME, 1997, p. 64).

Silva (2012) diz-nos que a Expressão Musical não é uma expressão fechada, isto é, a expressão musical relaciona-se com todas as outras expressões e também com todas as áreas de conhecimento. Assim, tendo por base a escuta e o canto, considera-se fundamental investigar o modo como através destes a aprendizagem é proporcionada às crianças, ou seja, aferir qual o processo realizado de modo a promover o desenvolvimento do oral nas crianças em idade pré-escolar.

A Música é como uma sucessão e combinação de tons, organizados de tal forma que deixam uma impressão agradável no ouvido e a sua impressão na inteligência é compreensível. O adulto deve ser promotor de atividades musicais, de aprendizagens ativas, uma vez que a música deve ser utilizada diariamente, visto que esta é parte integrante da cultura de cada criança.

Do mesmo modo, *as Metas de Aprendizagem para a Educação Pré-escolar* assumem que “a abordagem a este domínio artístico pressupõe uma prática

sistemática e contínua, direcionada para um desenvolvimento progressivo de competências musicais, num processo que tem início com o nascimento da criança” (ME, 2010).

Ainda de acordo, as OCEPE, ao nível da expressão musical no eixo cantar:

Trabalhar as letras das canções relaciona o domínio da Expressão Musical com o da linguagem, que passa por compreender o sentido do que se diz, por tirar partido das rimas para discriminar os sons, por explorar o caráter lúdico das palavras e criar variações da letra original (ME, 1997, p. 64).

Gordon (2000), criador de uma teoria de aprendizagem musical e investigador no âmbito do desenvolvimento musical de recém-nascidos e crianças em EPE, salienta que:

As crianças em idade pré-escolar constroem os alicerces do seu vocabulário antes de entrarem para a escola, têm também de construir os alicerces do seu vocabulário musical de audição e canto antes de entrarem para a escola. Sem a aquisição destas vertentes ficarão limitadas na sua capacidade de aprender e compreender (pp.1-2).

Deste modo, a audição de músicas torna-se pertinente, uma vez que “a audição é para a música o que o pensamento é para a linguagem” (Gordon, 2000, p. 2).

Segundo o mesmo autor, desde cedo as crianças devem tomar consciência da qualidade da voz cantada, adiantando que para isso, pais e professores devem “recorrer a canções curtas e cantos rítmicos com repetição e sequências musicais, que devem ser cantados sem palavras”. (Gordon, 2000, p. 60)

Em síntese ser educador não implica apenas ter conhecimentos e capacidades de controlo da sala, mas sim evidenciar interesse, empenho, capacidade de comunicação com as crianças, ser capaz de partir dos saberes, experiências e interesses que as mesmas transportam, envolvendo os pais ou familiares se necessário, ajudando as crianças a compreender e a conhecer melhor o meio envolvente, de forma a construírem as suas próprias conceções.

### **Breve contextualização da Expressão Musical na Educação Pré-Escolar**

Tendo com referência as OCEPE, podemos verificar que a expressão musical é um elo de ligação para as diferentes áreas de conteúdo.

O educador, ao ampliar as propostas das crianças, cria novas situações de comunicação, novos “papéis” e a sua caracterização, bem como mimar e dramatizar vivências, a partir das canções, por exemplo.

No domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, a Expressão Musical é bem visível. Através das canções, por exemplo, a criança alarga o seu vocabulário, adquire um maior domínio da expressão e comunicação, tendo acesso a formas mais elaboradas de representação. Através de canções, podemos abordar os sons das palavras, das rimas, das lengalengas, dos trava-línguas e também da poesia. “Todas estas formas de expressão permitem trabalhar ritmos, pelo que se ligam à expressão musical, facilitam a clareza da articulação e podem ainda ser meios de competência metalinguística, ou seja, de compreensão do funcionamento da língua” (ME, 1997, p. 67).

Por outro lado, ao trabalhar as letras das canções, as crianças desenvolvem a compreensão de novas palavras, tiram partido das rimas para discriminar os sons, ou de uma forma lúdica podem ainda criar variações da letra original.

### **iii) Metodologia**

Ao longo das práticas, verificámos que a expressão musical está presente em toda a rotina da criança, centrando-se em danças, jogos rítmicos e canções. Assim, pretendemos alargar o conhecimento dentro da área da expressão musical, bem como compreender a sua importância na EPE, no que se refere ao desenvolvimento da linguagem oral.

#### **1- Tipo de investigação**

A investigação realiza-se num estudo em que a intenção é perceber se a expressão musical influencia no desenvolvimento do oral em crianças da educação pré-escolar.

Esta investigação enquadra-se no paradigma qualitativo, mais orientada para a compreensão dos fenómenos a partir do ponto de vista dos participantes, neste caso as crianças que frequentam o JI.

Trata-se de uma investigação de carácter descritivo, que tem por base o inquérito por entrevista como técnica de recolha de dados. Nesta linha de ideias, pretende-se efetuar, neste estudo, uma particularização da realidade própria de um contexto, com a finalidade de verificar os objetivos enunciados anteriormente.

#### **2- Participantes**

Este estudo teve como população da rede pública do concelho de Viseu e do Concelho de Fafe, tendo como participantes principais as educadoras de infância e o grupo que orientam, onde vai ser recolhida a informação para, *a posteriori*, ser analisada e possibilitar retirar as devidas conclusões.

A população participante reduz-se a duas educadoras de Infância de um agrupamento de escolas de Viseu e quatro educadoras de infância de um agrupamento de escolas de Fafe.

#### **3- Instrumentos de recolha de dados**

Para a realização deste estudo, recorre-se a gravações áudio de seis entrevistas semidiretivas que posteriormente serão transcritas, tal como nos incentiva Bardin (2009) quando refere que estas entrevistas são mais curtas e naturais do que as entrevistas não diretivas e que devem ser registadas e transcritas na sua plenitude, “incluindo hesitações, risos, silêncios, bem como estímulos do entrevistador” (Bardin, 2009, p. 89).

As gravações das entrevistas, feitas com auxílio de um gravador de áudio, decorrem na sala de atividades do jardim-de-infância.

Depois de feitas as transcrições, segue-se uma análise de cada entrevista tendo em consideração o que era proposto ser analisado.

Bardin, refere que a característica da análise de conteúdo é a inferência, quer as variáveis inferidas sejam baseadas em indicadores quantitativos ou não. O mesmo autor refere que a análise de conteúdo “constitui um bom instrumento de indução para se investigarem as causas (variáveis inferidas) a partir dos efeitos” (Bardin, 2009, p. 167). Neste sentido, procedemos à análise e discussão de todos os dados recolhidos.

Optámos por utilizar este instrumento de recolha, uma vez que o consideramos mais adequado para tentar encontrar respostas para a questão - problema.

#### **4- Procedimento**

Para a aplicação das entrevistas, o procedimento foi organizado em várias fases, até à sua implementação.

Numa primeira fase, elaborou-se um guião de Entrevista (**Anexo 1**).

Numa segunda fase, foi feito o pedido de autorização oralmente junto das direções dos agrupamentos. Após a aceitação dos agrupamentos, contactámos as educadoras de infância.

É de salientar que, no contacto com as educadoras, foi facultada a informação de que as entrevistas eram anónimas e que a informação se destinava a fins académicos. Também informamos que a entrevista seria gravada.

Por fim, realizamos a entrevista às educadoras de infância, através da utilização de um gravador de áudio, com o intuito de aferir qual a sua opinião acerca do desenvolvimento do oral, quais as estratégias utilizadas e a importância que atribuem à Expressão Musical.

Posteriormente, as entrevistas foram transcritas (**anexo 2**), a fim de se obter um registo que nos permitisse fazer a análise da informação recolhida.

#### **5- Análise dos dados**

Segundo Bogdan & Biklen (1994),

A análise de dados é o processo de busca e de organização sistemático de transições de entrevistas, de notas de campo e de outros materiais que foram sendo acumulados, com o objetivo de aumentar a sua própria compreensão desses mesmo materiais e de lhe permitir apresentar aos outros aquilo que encontrou. (1994, p. 205)

Não se prevê uma descrição exaustiva do material recolhido mas sim a sua estruturação e codificação. Posteriormente, os dados obtidos são analisados para que

seja encontrada a resposta à questão problema. Assim, no trabalho, pretende-se efetuar uma análise de conteúdo dos registos, tendo em conta “certas palavras, frases, padrões de comportamentos, formas dos sujeitos pensarem e acontecimentos.” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 221)

O resultado da análise da informação recolhida a partir das entrevistas será apresentado nas secções seguintes, organizado de acordo com os seguintes tópicos:

- 1- Qualificação académica e anos de serviço das educadoras;
- 2- Papel da educadora de infância para o desenvolvimento da criança;
- 3- Estratégias utilizadas no desenvolvimento da linguagem oral;
- 4- Exploração do carácter lúdico da linguagem oral;
- 5- Modo de introdução de uma canção e seu contexto;
- 6- Averiguação dos conteúdos trabalhados através das canções infantis;
- 7- Articulação efetuada pela educadora entre o desenvolvimento oral e a expressão musical;
- 8- Aprendizagens subjacentes a exploração de canções.

#### iv) Análise e Discussão dos Resultados

Depois de devidamente apresentados todos os dados, importa agora fazer uma análise, retirando todas as possíveis conclusões. De acordo com Bogdan e Biklen (1994, p. 149), “os dados são materiais em bruto recolhidos pelo investigador no contexto onde desenvolve o seu estudo, que necessitam de um tratamento para se obter uma imagem mais clara do que exprimem.”

A partir da análise dos dados, podemos referir que para as educadoras de infância inquiridas a área de Expressão Musical na EPE é muito importante no desenvolvimento global das crianças e que é sempre trabalhada nas diversas atividades da educação pré-escolar.

Uma minoria das educadoras de infância inquiridas considera que não possui formação suficiente para abordar a área de Expressão Musical, referindo como principais lacunas os conhecimentos práticos de ligação com as outras áreas do saber. No entanto, considera que sempre que realizam atividades de Expressão Musical, as crianças se sentem motivadas.

Na tabela 1, apresentamos os dados relativos à caracterização das educadoras entrevistadas.

**Tabela 1: Qualificação académica e anos de serviço das educadoras.**

<b>Educadoras</b>	<b>Habilitações</b>	<b>Anos de Serviço</b>
A	Mestre	32
B	Licenciada	3
C	Licenciada	12
D	Licenciada	9
E	Mestre	3
F	Bacharel	30

Quanto ao seu grau académico, verifica-se que duas educadoras têm o grau de mestre, três são licenciadas e uma é bacharel.

Relativamente ao tempo de serviço, constatamos que duas educadoras têm mais de trinta anos, uma tem mais de dez anos e três educadoras têm menos de dez anos de serviço.

No que concerne ao papel do educador de Infância para o desenvolvimento da criança, as educadoras consideram o seu contributo primordial no desenvolvimento das crianças, ou seja é o agente que vai organizar tudo, isto é um mediador/ orientador em todo o percurso de jardim-de infância. Segundo a “educadora F”, o

educador deve promover a autoestima e autoconfiança e desenvolvimento de competências que permitam que cada criança reconheça as suas possibilidades e progressos. Por outro lado, a “educadora E” refere-nos que o educador deve:

Educar para a cidadania, princípio pelo qual se rege toda a educação pré- escolar e que influencia o desenvolvimento de todo o ser humano, ou seja, as metas e as finalidades visam, entre outros, estimular o progresso individual e social da criança; colocar a criança em contacto com grupos sociais distintos para, desta forma, confrontá-los com diferentes realidades; provocar nas crianças sentimentos de respeito por si e pelos outros; expandir a comunicação e a expressão numa perspectiva de compreensão do mundo; propiciar momentos de conforto e de segurança à criança a nível da saúde pessoal e do grupo e incentivar a colaboração das famílias no processo educativo.

Para finalizar, a “educadora D” destaca que na sua opinião o educador tem a competência de organizar e aplicar os meios educativos adequados ao desenvolvimento global da criança (psicomotor, afetivo, intelectual, social, moral): “No dia-a-dia, o educador de infância acompanha a evolução das crianças pelas quais é responsável e estabelece contactos com os pais no sentido de se obter uma ação educativa integrada.”

Desta forma, podemos concluir que, na opinião das educadoras entrevistadas, o educador de infância assume um papel fundamental no desenvolvimento das crianças, sendo agente que tem como função a preparação das crianças para o futuro e estimular trabalhos, descobertas e vivências sobre o mundo que a rodeia.

No que respeita ao desenvolvimento da linguagem oral, e às estratégias que são utilizadas, podemos referir que as cantigas de roda, os diálogos em pequeno ou grande grupo, canções, interpretações de cartões de imagens, as histórias, entre outras atividades cativam as crianças no desenvolvimento da linguagem oral. Segundo a “educadora C”:

Pode-se trabalhar a linguagem oral através da simbologia, ou seja associação de imagens à palavra inicialmente, numa fase posterior a palavra a imagem. Também a dança, o trabalho com fantoches, teatros, há várias maneiras de desenvolver essa linguagem. Por exemplo quando eles estão nos cantos da sala a brincar, eles próprios estão a desenvolver o jogo simbólico, eles próprios estão a desenvolver a linguagem oral com os outros. O brincar também é um desenvolver da linguagem oral.

Assim, podemos sublinhar que todos os momentos ao longo do dia, no jardim-de-infância, podem desenvolver a linguagem oral. São imensas as atividades a serem explorados, desde canções, teatros, lengalengas, rimas, trava-línguas, conversas de manta, jogos, entre outras. Tudo o que rodeia a criança ao longo de toda a sua rotina tem como objetivo o desenvolvimento da sua linguagem oral.

Quanto à exploração do caráter lúdico da linguagem oral, as seis educadoras partilham a mesma opinião, dizendo que a utilização das rimas/ritmos/poesias/lengalengas desenvolvem a memorização das crianças, possibilitando a aquisição de novo vocabulário e dão um contributo ao desenvolvimento da linguagem, pois é uma forma de estimular as crianças a expressarem-se por meio de diversas linguagens, mas principalmente a verbalizar os seus sentimentos e compreensões acerca do mundo.

A “educadora C” destaca que a exploração do caráter lúdico da linguagem oral:

É muito importante, e principalmente quando nos deparamos que alguma criança tem dificuldade em soletrar algum fonema, tentamos arranjar rimas, trava-línguas, lengalengas, para de um certo modo, as crianças com mais dificuldades trabalhem a letra e desenvolvem a memória.

Por outro lado a “educadora E” considera que a descoberta da linguagem deve ser algo estimulante e valorizado, proporcionando o prazer de brincar e descobrir, de modo despertar a criança para a língua materna, estabelecendo uma relação lúdica entre a criança e a sua linguagem.

No que diz respeito à Introdução de uma canção, as educadoras mencionaram nas entrevistas que costumam utilizar as canções sempre que é pertinente, com o intuito de introduzir um tema (natal, dia da mãe, etc) ou vivências. Quanto à frequência com que recorrem às canções, cinco das educadoras afirmam que todos os dias recorrem às mesmas para as suas atividades, desde o momento que as crianças entram no jardim até que saem.

Segundo as educadoras, as canções são introduzidas de várias formas. Por vezes, ouvem primeiro em suporte musical, outras vezes apresentam um pictograma que tem as letras, imagens e algumas partes escritas, que vão memorizando. Depois, ensinam a canção sem nenhum suporte. Todas as educadoras recorrem ao suporte áudio e à visualização de canções mimadas (com bastantes imagens), para, desta forma, cativarem as crianças para as atividades do dia. Contudo, ao introduzir uma canção, as educadoras também pretendem abordar o lúdico, proporcionar momentos de alegria e desenvolver a autonomia. A “educadora E” pretende desenvolver a

linguagem, trabalhar a memorização e estimular as crianças para a realização de atividades.

Excluindo a “educadora B”, que não costuma utilizar canções tradicionais, apesar de afirmar que são importantes, todas as educadoras dizem que utilizam no jardim-de-infância canções temáticas e tradicionais, ou seja “todos os géneros musicais devem ser explorados” (educadora E). A “educadora A” refere ter “um fraquinho especial pelas tradicionais, que são mais de brincadeira, mas também há as canções temáticas que se aprendem facilmente e adequadas às crianças.” As restantes educadoras consideram que costumam utilizar mais as temáticas porque “são muito giras e cativantes” (educadora B); e “... alegres e divertidas...” (educadora C). A “educadora F” destacou ainda outros aspetos: “O que me importa é a letra, o ritmo, a mensagem e as crianças gostarem e apropriarem-se delas.”

No que diz respeito a adequação das canções para desenvolver o oral, as educadoras referem que são de extrema importância, uma vez que, ao cantar, as crianças desenvolvem a linguagem. É neste contexto que a “educadora f” afirma que “desde que sejam pedagogicamente corretas, contextualizadas, apropriadas, harmonizadas todas são potencializadoras do desenvolvimento da oralidade” (educadora F).

Confrontámos as educadoras com um exemplo de uma canção “atirei o pau ao gato”, e percebemos qual é a sensibilidade das educadoras para uma análise crítica da questão dos valores. Na resposta a esta questão, houve alguma divergência de opinião nas educadoras, uma vez que algumas não a utilizam devido ao problema dos maus tratos que o gato sofre. Contudo, a “educadora A”, que a utiliza por fazer parte do repositório, por ser uma canção divertida e tradicional justifica-se assim:

Depois é divertida e as crianças acham muita piada castigar o gato.

Se formos aprofundar a canção referimos aos maus tratos. Contudo sempre abordei a canção em termos lúdicos.

Por outro lado a “educadora B”, diz que não a utiliza porque não gosta da música e é ensinar a bater nos animais, e segundo ela devemos inculcar nas crianças o carinho pelos animais.

Se eles não nos fizeram mal, porque é que havemos de lhes bater?

Há outras maneiras de fazer perceber ao gato que agiu mal, mas não bater. Gosto mais da “*Não atirei o pau ao gato. Porque isso não se faz. A minha mãe, mãe. Ensinou-me, me a respeitar e a gostar dos animais*”.

Já a “educadora C” não tem esse hábito. “Existem outras canções mais interessantes.”

Para a “educadora D”, trabalhar esta canção é uma mais-valia, ou seja, as crianças adoram esta canção pois existem partes em que podem gritar e elas adoram.

Através desta canção pode-se explorar os sons dos animais, imitá-los a andar, dialogar com as crianças perguntando se tem animais em casa, como se chamam se tratam bem deles e pois não devemos maltratar os animais.

A “educadora E” quando questionada sobre a sua utilização apenas respondeu “Nem por isso, não acho uma canção estimulante. ”. Por fim, a “educadora F” diz que atualmente não a utiliza, e refere que “devo incentivar o respeito pelos animais, assim como pela natureza e o outro...”.

Já a exploração de conteúdos de Expressão Musical remete para a utilização de diferentes conteúdos que são trabalhados no uso de canções infantis. Para isso, as educadoras escolhem as canções para apresentarem às crianças consoante a temática que querem abordar, mas também os diferentes constituintes da música, “tenho em atenção o tema a ser explorado, para isso a letra, o som, o ritmo são fundamentais para a escolha de uma canção” (educadora E).

As educadoras também afirmaram que quando introduzem uma canção têm sempre a preocupação de a preparar e de a conhecer previamente, de modo a que quando apresentada não haja problemas.

Depois podemos trabalhar os ritmos com instrumentos criados pelas crianças. Depois outra maneira (...) de trabalhar a linguagem é soletrar e ritmar a canção ao mesmo tempo que se faz batimentos com maracas, por exemplo (educadora C).

Quanto aos aspetos que consideram relevantes ser explorados, destacam-se a letra, a altura do som, a intensidade, a melodia, ou seja:

Não só a música em si, mas também que existem diversos ritmos e também que o silêncio é um principal elemento para que exista um bom entendimento entre todos (educadora A).

À exceção da “educadora C” e da “educadora E”, as restantes educadoras afirmam que quando expõem uma canção a mesma é apresentada para todas as crianças e não fazem distinções por idades. Contudo, a “educadora C” disse:

Sim faço distinção de idades, uma vez que existem canções adequadas à idade das crianças. As crianças mais pequenas não têm

capacidade de acompanhar as mais velhas. Por exemplo, as canções sobre números são mais adequadas às crianças mais velhas e não interessa tanto aos mais novos. Para os mais novos é mais canções sobre animais.

Por outro lado, no que se refere à relação entre a linguagem oral e a expressão musical, a totalidade das educadoras mencionou que o recurso às canções infantis é um meio para contribuir para o desenvolvimento da linguagem oral. Esta perspetiva é visível a partir da resposta de uma das educadoras:

Trabalhar as letras das canções relaciona o domínio da expressão musical com o da linguagem, que passa por compreender o sentido do que se diz, por tirar partido das rimas, para discriminar os sons, por explorar o carácter lúdico das palavras e criar variações da letra original. (educadora F)

Relativamente ao último ponto da entrevista - Aprendizagens que se relacionam com as canções infantis – resultante das respostas à questão “Na sua opinião, que aprendizagens podem resultar da exploração de canções?”, parece-nos fundamental apresentar aqui toda a informação recolhida.

Segundo a “educadora A”,

Podem resultar bastantes aprendizagens, a nível da música, através de compassos, tempos, diferentes tons de voz, cânones, ou seja abordar diversas partes da canção (...). Depois podemos ir para outras partes da linguagem, batimentos silábicos. Podemos criar a partir daí, pegar na canção e criarmos novas palavras que rimem. Brincar com as palavras, criar palavras que não existem. Trabalhar com a língua, encontrar sons agradáveis que rimem, que sejam engraçados.

Neste caso podem resultar aprendizagens em todos os domínios, desde a formação pessoal e social que é muito importante no jardim-de-infância, (os valores, saber estar, saber ser, as regras e os comportamentos). Temos também a matemática e o conhecimento do mundo (astros, animais, lua, inverno, etc). As canções são muito boas para desenvolver as outras áreas e domínios.

A “educadora B” destacou o seguinte: Ritmo, tempo, compasso, a letra, apreensão de novos vocábulos, invenção de novas palavras, rimar.

Já a “educadora C disse: Através de uma música dá para abordar muitos aspetos que queremos desenvolver. São o meio fundamental de colocarmos uma criança a falar sobre o mundo.

No que concerne à “educadora D”, foi registada a seguinte resposta: A partir de uma canção pode se aprender e explorar todas as áreas para o desenvolvimento da criança na idade pré-escolar. Desde o desenvolvimento da linguagem, desenvolvimento pessoal e social, conhecimento do mundo, musical dramática, etc.

A “educadora E” referiu que as crianças aprendem a distinguir as diferentes características dos sons mas também aprendem a escutar quando é abordado o silêncio em oposição ao som, aprendendo assim a escutar, a cantar, a dançar, a tocar e a criar.

Por fim a “educadora F” respondeu que:

Cantar canções infantis, populares, folclóricas e outras é um bom exercício para aperfeiçoar o ritmo, a audição, e a perceção da melodia. Estas não são, no entanto, as finalidades únicas do canto. Ao cantarem juntos, adultos e crianças, músicas que signifiquem alguma coisa para as crianças, ou seja, contribui para organização da memória, da perceção e do pensamento das crianças, contribui para a formação integral da criança e apropriação de conceitos musicais e culturais.

Por outro lado, permite a exploração do carácter lúdico da linguagem, prazer em lidar com as palavras, inventar sons e descobrir as relações, é um meio de descoberta da língua e de sensibilização estética.”

Em conclusão, podemos sublinhar que as educadoras de infância inquiridas, recorrem à música para proporcionar ambientes adequados e tranquilizantes, sobretudo antes de aprendizagens que necessitam de mais calma e concentração. Também recorrem à música para abordar ou introduzir a temática a ser trabalhada.

As atividades mais frequentes centram-se em batimentos rítmicos, jogos de expressão corporal, canções com instrumentos e canções. É importante referir que, sempre que recorrem a atividades de expressão musical, as crianças ficam mais motivadas, salientando desta forma o gosto que as crianças têm pela música. De referir ainda que as educadoras não privilegiam nenhuma época do ano para estas atividades, mas há festividades que as propiciam.

As educadoras consideram a Expressão Musical importante no desenvolvimento das crianças e destacam-na como uma área imprescindível para a EPE, e procuram interligá-la com as restantes áreas.

## **v) Conclusão**

Iniciámos este estudo com o intuito de descrever o desenvolvimento do oral das crianças em EPE, partindo de um estudo em contexto de prática de ensino supervisionada.

Através desta investigação, e pelo que foi registado a partir das respostas das educadoras de infância inquiridas, relativamente ao universo estudado, a criança deve estar em contacto com o código linguístico desde o nascimento e quanto maior for a diversidade de interações, maior facilidade terá em adquirir e desenvolver a sua língua materna.

No que concerne às qualificações académicas das educadoras inquiridas, podemos reter que o modo de trabalho das duas educadoras com mais anos de serviço é diferente das outras quatro educadoras inquiridas. Deste modo, é pertinente que a formação de uma educadora seja feita ao longo dos anos, uma vez que a sociedade ao longo dos tempos vai mudando, o que torna necessário que as suas práticas se adaptem a novas estratégias.

Relativamente ao papel que o educador deve ter no desenvolvimento do oral, é importante, numa primeira fase, que observe cada criança e o grupo em geral. Depois de aperceber das características de cada elemento do grupo deve adequar as estratégias necessárias, tendo em consideração os gostos e interesses de cada um, motivando as crianças para a aprendizagem.

É de realçar a importância da forma como o educador fala e se exprime, pois é visto pela criança como um modelo a seguir.

Quanto às estratégias utilizadas no desenvolvimento da linguagem oral, o educador proporciona diversos momentos de diálogo, em diferentes contextos, intervenientes e intenções, facilitando, assim, à própria criança a sua expressão e desejo de comunicar. À medida que a criança vai progredindo, é essencial que as capacidades de compreensão e de comunicação sejam progressivamente alargadas. O educador vai introduzindo vocabulário novo e corrige frases incorretas e incentiva a criança a formar frases cada vez mais complexas, alargando o seu léxico e ampliando o alcance de nomeação definição verbal.

Entre as estratégias e atividades que permitem desenvolver o oral destacam-se as seguintes: ouvir ler, narrar ou recontar histórias, canções, trava-línguas, lengalengas; dialogar e promover a discussão sobre determinados assuntos, por exemplo, regras da sala de atividades; proporcionar às crianças oportunidade de fazerem dramatizações; oferecer às crianças situações em que tenham de comunicar com os pares e os adultos, por exemplo através da apresentação de projetos. Todas estas atividades são exploradas de forma lúdica, de modo que a criança desenvolva a

linguagem oral, brincando e explorando diversas maneiras de comunicar. Desta forma, a introdução de uma canção como menciona a “educadora a”

Introduzida de várias formas. Por vezes, ouvem primeiro em suporte musical, outras vezes em pictograma que tem as letras e imagens e algumas partes escritas, mas que eles vão memorizando. Depois ensinar normalmente sem nenhum suporte.

Não é só para desenvolver a linguagem oral. Ao cantar, as crianças desenvolvem o lúdico, a felicidade, a alegria, a vivacidade. Depois é um momento de união de grupo. Fazer surpresas a outros meninos, aos pais, à família. Pretende-se que posteriormente as crianças cantem em casa e que se sintam alegres, uma vez que a música os alegra.

Quanto aos aspetos que se consideram relevantes ao introduzir uma canção, destacam-se a letra, a altura do som, a intensidade, a melodia.

A relação entre a Linguagem Oral e a Expressão Musical é um meio para contribuir para o desenvolvimento da linguagem oral. Esta perspetiva é visível a partir da resposta de uma das educadoras:

Trabalhar as letras das canções relaciona o domínio da expressão musical com o da linguagem, que passa por compreender o sentido do que se diz, por tirar partido das rimas, para discriminar os sons, por explorar o carácter lúdico das palavras e criar variações da letra original. (educadora f)

Relativamente ao último ponto da entrevista – que aprendizagens relacionadas com as canções infantis, podem resultar em todos os domínios, desde formação pessoal e social que é muito importante no jardim-de-infância, (os valores, saber estar, saber ser, as regras e os comportamentos).

Em conclusão, podemos sublinhar que as educadoras de infância inquiridas recorrem à música para proporcionar ambientes adequados e tranquilizantes, sobretudo antes de aprendizagens que necessitam de mais calma e concentração. Também se correm da música para abordar ou introduzir a temática a ser trabalhada (elemento de motivação).

Apesar de sabermos a importância do educador na educação de uma criança, este não tem a responsabilidade total de educação dessa criança, uma vez que é apenas um dos orientadores do seu percurso escolar. Contudo, também as crianças apresentam um papel circunstancial na exploração de atividades que desenvolvam o oral. O contributo das crianças nos momentos de exploração de uma canção, não

passa apenas pela memorização da letra, mas da vontade que manifestam em dar o seu contributo para a invenção de novas palavras.

Neste estudo, tivemos em consideração tópicos criados por Sim-Sim (2006), desenvolvidos com o intuito de calcular as capacidades de compreensão e de expressão os quais contribuíram para avaliar o desenvolvimento do oral aquando da introdução de conceitos. É de mencionar que os objetivos propostos por nós foram alcançados.

## **Conclusão geral**

O nosso percurso de aprendizagens contemplou a Licenciatura em Educação Básica, juntamente com o Mestrado em EPE e ensino do 1.º CEB, resultando num total de nove semestres curriculares, em que foi possível ter contacto com diferentes crianças, de diferentes faixas etárias, desde os três aos doze anos de idade. A unidade curricular de PES foi a que nos proporcionou estágios na EPE e no 1.º CEB, para os quais esta formação nos habilita.

Durante todo este percurso académico, um dos desafios primordiais que nos inculcaram na formação foi o de sermos capazes de nos tornar cada vez mais reflexivos e críticos. É neste sentido que surge a nossa investigação, que integra este relatório final de estágio.

Os momentos de reflexão foram fundamentais para fazer uma análise concreta dos factos acontecidos e vivenciados por nós durante a PES. Os momentos de reflexão tornaram-nos mais crítica do trabalho que fizemos. Já somos capazes de pensar na exequibilidade ou pertinência de algumas tarefas pensadas por nós. Descrevemos acontecimentos, contextos e/ou tarefas desenvolvidas nas práticas, o que nos fez refletir sobre as mesmas. Também fizemos uma análise, tendo por base os perfis específicos de desempenho de um educador e de um professor do 1.º ciclo do ensino básico. Nesta análise fizemos uma autoavaliação, refletindo sobre se as nossas práticas se adequam ou não, bem como no que podemos melhorar, tanto na relação com a instituição como na prática em sala de aula.

Parece-nos que o trabalho desenvolvido neste estudo, no geral, foi bastante positivo e benéfico. Esta conclusão fundamenta-se no facto de termos atingido os nossos objetivos, dando resposta à questão problema.

É essencial que o educador compreenda de que forma a criança está a desenvolver a sua linguagem, no sentido de intervir para proporcionar experiências adequadas às suas necessidades.

Os conhecimentos adquiridos vão contribuir positivamente para o nosso desempenho na atividade profissional, uma vez que, tal como já foi referido, nos permitem alterar e compreender melhor o modo de proporcionar às crianças o desenvolvimento do oral, através de várias atividades.

## Bibliografia

- Aguiar, M. C., & Vieira, M. H. (2011). Ensinar canções ou ensinar a cantar. O papel do Coro Infantil na Educação Musical das crianças portuguesas. In *INTE (International Conference on New Horizons in Education)*. (pp. 351-356). Guarda.
- Amado, J. (2013). *Manual de Investigação Qualitativa em Educação*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Azevedo, F. (2005). *Formar Leitores das teorias às práticas*. Braga. Lidel
- Azevedo, F., & Martins, J. (2013). *Didática e Práticas, A Língua e a Educação Literária*. Guimarães: Opera Omnia.
- Bardin, L. (2009). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bodgan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora.
- Borràs, L. (2002). *Manual da educação infantil, 3: A descoberta do ambiente natural e social, Comunicação e expressão*. Recursos e técnicas para a formação no século XXI- "O Educando e a Escola". Amadora: Marina Editores.
- Castarède, M. F. (1988). *A voz e os seus sortilégios*. Lisboa: Editorial Caminho, SA.
- Canez, A. (2008). *Canções de Embalar Cultura e Tradição: um estudo sobre (con) textos de Maternidade na (E) ternas Líricas Popular*. Lisboa: Colibri.
- Carvalho, C., & Sousa, O. C. (2011). «Literacia e Ensino da Compreensão na Leitura» *Interações (Revista Instituto Politécnico de Santarém)*,19 (7), pp. 109-126).
- Dewey, J. (1934). *Art as Experience*. New York: Capricorn Books. 1958.
- ESEV- Escola Superior de Educação de Viseu. (2011). *Programa da unidade Curricular: Prática de Ensino Supervisionada em Educação de Infância e 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Obtido em 2014, fevereiro 10, de <http://elearning1213.esev.ipv.pt/>.

- Escudero, M. P. (1987). *Educación de la voz*, 2.º. Madrid: Real Musical.
- Flash, L. (1998). Music in the classroom at key stage 1. In J. Glover, e S. Ward (Eds.), *Teaching music in the primary school*, 2<sup>nd</sup> ed. (pp. 74-104). London: Cassel.
- Freire, P. (2002). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*.  
 Obtido de [http://www.mda.gov.br/portal/saf/arquivos/view/ater/livros/Pedagogia\\_da\\_Autonomia.pdf](http://www.mda.gov.br/portal/saf/arquivos/view/ater/livros/Pedagogia_da_Autonomia.pdf).
- Freixo, M. (2009). *Metodologia científica. Fundamentos, métodos e técnicas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Giga, I. G. (janeiro a junho de 2008). Efeitos da Pedagogia Musical Ward no desenvolvimento musical e desempenho vocal de crianças do 1.º Ciclo do Ensino Básico. *Revista de Educação Musical*, 130, 29-39.
- Gillen, J. & Hall, N. (2003). «The emergence of early literacy». In: Hall, N.; Larson, J.e Marsh, J. (Eds.). *Handbook of Early Childhood Literacy* (pp. 3-12). London: SAGE.
- Gomes, I. & Santos, N. L. (2005). «Literacia emergente: É de pequenino que se torce o pepino!». *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa*, 2, 312-326.
- Gordon, E. (2000). *Teoria de aprendizagem musical para recém-nascidos e crianças em idade pré-escolar*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Halliday, M. (1973). *Explorations in the Functions of Language*. London: Edward Arnold.
- Hohmann, M., & Weikart, D. (2003). *Educar a Criança*. Serviço de Educação e Bolsas. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Jalongo. M. R., & Bromley, K. D. (1984). Developing linguistic competence through song picture books. *Reading Teacher*, 37 (9), 840-845.

- Kami, C. (s/d). *A teoria de Piaget e a Educação pré-escolar*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Ketele, J. M., & Roegiers, X. (1999). *Metodologia da Recolha de Dados*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Mata, L. (2006). *Literacia familiar - ambiente familiar e descoberta da língua escrita*. Porto: Porto Editora.
- Mata, L. (2008). *A descoberta da escrita*. Lisboa. Ministério da Educação - Direção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Martins, J., & Azevedo, F. (2013). A constituição da Literacia multimodal na formação do Leitor Infante Juvenil: a música, o cinema e a dramatização. In Sardinha e Azevedo. *Didáticas e Práticas A língua e a Educação Literária*.(pp. 109-120). Guimarães: OPERA OMNIA.
- Matias, A. M., & Abeledo, E. J. (2008). Documentos/Rede de Educação Artística. Obtido em 2 de outubro de 2013, de [http://www.rede-educacao-artistica.org/docs/gt\\_docs/Ana%20Maria%20Matias%20e%20Eduardo%20Jose%20Fuentes%20Abeledo.pdf](http://www.rede-educacao-artistica.org/docs/gt_docs/Ana%20Maria%20Matias%20e%20Eduardo%20Jose%20Fuentes%20Abeledo.pdf)
- ME - Ministério da Educação. (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.
- ME - Ministério da Educação. (2010). *Metas de Aprendizagem para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Moreira, E. R. (2015). *O contributo dos projetos editoriais de português para o desenvolvimento do oral formal* (Dissertação de mestrado não publicada). Viseu, Instituto Politécnico de Viseu. Obtido em 2015, maio 29, de <http://hdl.handle.net/10400.19/2843>
- Pereira, A. L. (2009). A voz cantada infantil: pedagogia e didática. *Revista de Educação Musical*, 132, 33-45.
- Ponty, M. (2006). *Psicologia e Pedagogia da criança*. São Paulo: Martinsfontes.
- Rosa, L. S. S. (1990). *Educação musical para a Pré-Escola*. São Paulo: Ática.

- Sá, M. (1997). *Segredos da voz, Emissão e Saúde*. Mem Martins: Sebenta Editora.
- Silva, F. D. (2012). *Expressão musical e desenvolvimento da compreensão na leitura. A leitura tem sons*. Relatório Final. Aveiro, Universidade de Aveiro.
- Sim-Sim, I. (2006). *Avaliação da Linguagem Oral: um contributo para o conhecimento do desenvolvimento linguístico das crianças portuguesas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Sim-Sim, I., Duarte, I., & Ferraz, M. J. (1997). *A Língua Materna Na Educação Básica. Competências Nucleares e Níveis de Desempenho*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Sim-Sim, I., Silva, A., & Nunes, C. (2008). *Linguagem e Comunicação no Jardim-de-Infância – Textos de Apoio para Educadores de Infância*. Lisboa: Direção - geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular – Ministério da Educação.
- Sousa, C., & Correia, O. (1994). *Linguagem, desenvolvimento e comunicação em crianças e adolescentes em situação educativa*. In J. Tavares (Ed.) (1994). *Para intervir em educação – Contributos dos Colóquios CIDInE*. (pp..279-295). Aveiro: CIDInE.
- Spodek, B. (org). (2002). *Manual de Investigação em Educação de Infância*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Sponseller, D. (1982). *Play in Early Education*. In B. Spodek, ed. *Handbook of Research in Early Education*, (pp. 215-241). New York: The Free Press.
- Temple, C., Nathan, R., Burris, N., & Temple F. (1988). *The Beginning of Writing*. Boston: Allyn and Bacon, Inc.
- Tough, J. (1977). *The Development of Meaning: A Study of Children's Use of Language*. New York: John Wiley.
- Torres, R. M. (1998). *As canções Tradicionais Portuguesas no Ensino da Música: Contribuição da Metodologia de Zoltán Kodály*. Lisboa: Editorial Caminho.

Valente, L. (1999). Princípios orientadores do movimento português de intervenção artística e educação pela arte e seu contributo na investigação e formação de professores de expressão artística. *IV congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação* (pp. 75-80). Porto: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação.

Vigotsky, L. (1989). *Pensamento e Linguagem*. Lisboa. Antidoto

Willems, E. (1962). *La preparación musical de Los más pequeños*. Argentina: Editorial Universitaria de Buenos Aires.

Willems, E. (1970). *As bases psicológicas da Educação Musical*. Bienne, Suíça: Edições Pró-Música (trad.).

## **Legislação**

Decreto - Lei n.º 241/2001, de 30 de agosto. Perfil Geral de Desempenho do Educador de Infância e do Professor do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Lei n.º 5/97, de 10 de fevereiro. Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar.

## **Anexos**

**Anexo n.º 1 – Guião da entrevista**

## Tema

- Qual o contributo que a expressão musical pode dar para o desenvolvimento da linguagem oral em crianças da educação pré- escolar.

## Objetivos Gerais

- Analisar de que forma a linguagem oral é desenvolvida nas crianças em idade pré-escolar;
- Averiguar as atividades que se desenvolvem a nível da expressão musical;
- Conhecer de que forma é explorada a expressão musical no contexto da educação pré- escolar, tendo em conta o desenvolvimento da linguagem oral;
- Aferir a articulação entre a expressão musical e o desenvolvimento da Linguagem Oral.

## Entrevistadas

- 2 educadoras do agrupamento de Viseu;
- 4 educadoras do agrupamento das escolas de Fafe.

Blocos	Objetivos Específicos	Perguntas	Tópicos
<b>Legitimação da entrevista</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>▪ Agradecer a predisposição do entrevistado;</li><li>▪ Dar conhecimento ao entrevistado do propósito da investigação;</li><li>▪ Garantir a confidencialidade dos dados.</li></ul>		<ul style="list-style-type: none"><li>▪ Desenvolver um clima de confiança com o entrevistado. Salientar a importância da sua participação, assim como colocá-lo a par dos princípios éticos e deontológicos a respeitar na entrevista.</li></ul>
<b>Identificação Pessoal</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>▪ Recolher dados que permitam caracterizar o entrevistado.</li></ul>	Solicitar: <ul style="list-style-type: none"><li>▪ Idade;</li><li>▪ Habilitações académicas;</li><li>▪ Anos de serviço;</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>▪ Identificação pessoal do entrevistado.</li></ul>

<p><b>Papel da Educadora</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Constatar qual a posição do educador de infância face ao papel que desempenha no desenvolvimento das crianças;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Para si, qual é o papel que desempenha o educador de infância no desenvolvimento das crianças?</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Função que o profissional de educação de infância desempenha no desenvolvimento da criança.</li> </ul>
<p><b>Desenvolvimento da Linguagem Oral</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Relatar a sua experiência como educador de infância;</li> <li>▪ Identificar que atividades auxiliam a prática do Educador de Infância para o desenvolvimento da Linguagem Oral;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Um dos domínios a desenvolver na educação de Infância é a linguagem oral e abordagem à escrita. Da sua experiência, que atividades e estratégias considera serem mais eficazes para o desenvolvimento da linguagem oral?</li> <li>▪ Que atividades proporciona às crianças, destinadas a promover o desenvolvimento da linguagem oral?</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Dinâmicas internas de trabalho do educador de infância no âmbito da linguagem oral;</li> <li>▪ Atividades realizadas na exploração da linguagem oral;</li> </ul>
<p><b>Caráter lúdico da Linguagem Oral</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Averiguar as representações de educadores sobre modo como pode</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Qual é o contributo das rimas/ ritmos/ poesias/ lenga lengas, para o</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Desenvolvimento da criatividade: criação e experimentação de novas palavras.</li> </ul>

	<p>ser desenvolvida a linguagem oral;</p>	<p>desenvolvimento da linguagem oral?</p>	
<p><b>Introdução de uma canção</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Conhecer quais os contextos que se associam à introdução de uma canção em função da idade das crianças;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Costuma utilizar canções no trabalho com as crianças?</li> <li>▪ Com que frequência as utiliza?</li> <li>▪ De que forma é introduzida a canção?</li> <li>▪ Que aspetos pretende abordar com as canções que trabalha com as crianças?</li> <li>▪ Quais as canções que costuma trabalhar?</li> <li>▪ E dentro das mesmas de qual gosta mais?</li> <li>▪ Qual acha mais adequada para desenvolver a oralidade? Porquê?</li> <li>➤ Costuma ensinar a canção “Atirei o pau ao gato”? Que aprendizagens se espera que as crianças adquiram?</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Modo de introdução de ma canção e seu contexto.</li> </ul>

		Porque é que a utiliza?	
<b>Exploração de conteúdos de Expressão Musical</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Averiguar que conteúdos são trabalhados através da utilização de canções infantis.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Como é que escolhe as canções que trabalha com as crianças?</li> <li>Quando introduz/ apresenta uma canção preocupa-se em a preparar? Ou seja, perceber a letra, ritmos, etc.,?</li> <li>Que aspetos considera relevantes serem explorados?</li> <li>A mesma canção é apresentada para todas as crianças ou faz uma distinção por idade? Porquê?</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Intencionalidade da exploração de canções.</li> <li>Desenvolvimento da criatividade: criação e experimentação.</li> </ul>
<b>Relação entre a Linguagem Oral e a Expressão Musical</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Aferir qual a articulação efetuada pelas educadoras entre o desenvolvimento oral e a expressão musical;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Considera que o recurso às canções infantis é um meio para contribuir para o desenvolvimento da linguagem oral? Porquê?</li> <li>De que forma recorre às canções para promover aprendizagens de</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>O uso de canções como meio de exploração de conceitos das áreas de conteúdo.</li> <li>Possibilidade de uso de canções temáticas.</li> </ul>

		<p>outras áreas que não a expressão musical? Fá-lo tendo em conta a letra da canção ou a temática a explorar?</p>	
<p><b>Aprendizagens que se relacionam com as canções infantis</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Verificar que aprendizagens se associam à exploração de canções.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Na sua opinião, que aprendizagens podem resultar da exploração de canções?</li> <li>➤ E sobre o desenvolvimento da linguagem oral?</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Aprendizagens subjacentes à exploração de canções.</li> <li>▪ Opinião crítica da Educadora sobre uma dada canção infantil.</li> </ul>

**Anexo n.º 2 – Transcrição das entrevistas**

## **Anexo n.º 2.1** - Entrevista n.º 1 - “Educadora A”

Mestre; 32 anos de serviço - Viseu

1- *Para si, qual é o papel que desempenha o educador de infância no desenvolvimento das crianças?*

O educador de infância tem um papel primordial no desenvolvimento das crianças. Ele é realmente o agente passivo que vai organizar tudo, o ambiente educativo, a organização da sala, tudo. E vai planificar, vai exercer a atividade, vai, em primeiro lugar, conhecer as crianças, conhecer o grupo. Só a partir do conhecimento do grupo é que tem a perceção dos conteúdos que as crianças possuem, as dificuldades. Portanto, só perante o conhecimento do grupo é que podem planear. O papel do educador de infância é muito importante uma vez que tem de ser capaz de cativar as crianças, tem de ter uma empatia muito grande com elas. A partir daí, do ambiente lúdico, da brincadeira, de ter uma interação forte com as crianças as atividades começam-se a desenrolar e podemos ir muito além, conforme o grupo e as crianças, isso vai fazer com que a criança se desenvolva muito mais.

Por isso, o papel do educador é muito fundamental, para as conhecer, para interagir com elas, para planificar, para preparar atividades diferentes, enriquecedoras, para que haja uma interação entre todos. Para desenvolver o seu sentido crítico, ou seja, a educadora pode propor atividades às crianças, como também pode pegar numa ideia vinda de uma criança. Aquilo que querem explorar, através de pequenos projetos, a partir daí há um enorme trabalho e consegue-se uma interação entre grupos. Nesta fase o educador tem a noção das preferências maiores do grupo e as maiores dificuldades, aquilo que tem que se desenvolver um bocado mais.

2- *Um dos domínios a desenvolver na educação de Infância é a linguagem oral e abordagem à escrita. Da sua experiência, que atividades e estratégias considera serem mais eficazes para o desenvolvimento da linguagem oral?*

Para o desenvolvimento da linguagem oral, o que eu acho mais importante na idade pré-escolar é realmente tudo aquilo que envolva a comunicação. As crianças estão a otimizar a sua linguagem, embora algumas ainda não falem corretamente, e mesmo que falem corretamente, é necessário uma ampliação do vocabulário e tem que existir um envolvimento e estruturação da linguagem.

Dou importância a vários momentos, logo no início da manhã, o acolhimento, logo que as crianças chegam e fazem as saudações, o bom dia, virem contar alguma coisa à educadora ou aos colegas, falarmos, conversarmos, fazer uma troca. Falarmos sempre claramente para as crianças. Depois todos os momentos em que a linguagem está sempre presente, quer para apresentar uma atividade, quer para sugerir, para eles falarem uns com os outros para comunicarem. Aqui o educador tem um papel muito importante porque pode corrigir sem que a criança perceba que está a ser corrigida e repete a palavra correta quando alguém não está a dizer. As crianças ao ouvirem os outros, e aqui como é um grupo heterogéneo, as crianças mais novas vão ouvindo as restantes, que por sua vez têm frases mais elaboradas, mais bem estruturadas, um vocabulário mais rico, aprendem muito. Os grupos heterogéneos são muito ricos neste contexto.

Todos os momentos ao longo do dia, e no JI desenvolvem a linguagem oral, através da comunicação.

*3- Que atividades proporciona às crianças, destinadas a promover o desenvolvimento da linguagem oral?*

As atividades que eu realizo mesmo para desenvolver a linguagem oral são as histórias que ocupam um papel fundamental. Mesmo a criança, não só o educador contar uma história, mas também ser as crianças a contarem ou a inventarem histórias. É engraçado que este ano no grupo existem crianças que têm capacidade de inventar histórias com muitos pormenores, e os restantes estão com muita atenção. Por sua vez, o educador que estiver a observar a criança repara que ela utiliza termos, palavras bem contextualizadas. Depois temos a biblioteca, ligada às histórias, onde algumas crianças visualizam o livro através das imagens e as mais crescidas já conseguem ler títulos. Para desenvolver bem a linguagem oral, na biblioteca existe um livro de requisições em que as crianças podem levar um livro para casa, isso faz com que fora do jardim-de-infância, no ambiente familiar, as crianças estejam sempre motivadas para ouvirem uma história e que a linguagem oral seja mais estimulada, mais trabalhada.

Depois temos as lengalengas, que também são muito importantes e que as crianças gostam muito. Costumo utilizá-las muitas vezes durante o dia. Também existem as rimas, fazemos rimas, bastantes, nas quais as crianças acham muito interessante e aderem com alguma facilidade. No início, os mais novos têm dificuldades em perceber o que é uma rima, depois quando estou a contar uma história alguns são capazes de mencionar “rimaste”.

4- *Qual é o contributo das rimas/ ritmos/ poesias/ lengalengas, para o desenvolvimento da linguagem oral?*

Com os dias festivos (Natal, o dia da mãe, o dia do pai) utilizamos muitas poesias, e mesmo muitas canções, que são muito importantes, porque as crianças aprendem novas palavras e ficção. Nesta idade as crianças têm uma memória que se encontra no auge e tem uma capacidade de memorização e aprendendo muito rapidamente. Também os jogos de roda, jogos individuais que têm presentes algumas canções, ou mesmo quando uma criança aprende uma canção fora do jardim e a quer partilhar com o restante grupo, permito sempre essa oportunidade. Deste modo desenvolvem muito a linguagem oral.

5- *Costuma utilizar canções no trabalho com as crianças? Com que frequência as utiliza?*

Sim, bastante. Muitas canções. Geralmente em cada tema, temática trabalhada, vivência existe sempre uma canção ligada ao tema (alimentação, higiene, Páscoa ou Natal, etc.) e eles aprendem muito bem. A partir daí, desenvolvem muito a linguagem oral.

Costumo utilizar todos os dias, sempre que é oportuno.

6- *De que forma é introduzida a canção?*

São introduzidas de várias formas. Por vezes, ouvem primeiro em suporte musical, outras vezes em pictograma que tem as letras e imagens e algumas partes escritas, mas que eles vão memorizando. Depois ensinar normalmente sem nenhum suporte. Mas a maior parte das vezes é recorrendo ao áudio. Canções mimadas no *youtube* (com bastantes imagens).

7- *Que aspetos pretende abordar com as canções que trabalha com as crianças?*

Não é só para desenvolver a linguagem oral. Ao cantar, as crianças desenvolvem o lúdico, a felicidade, a alegria, a vivacidade. Depois é um momento de união de grupo. Fazer surpresas a outros meninos, aos pais, à família. Pretende-se que posteriormente as crianças cantem em casa e que se sintam alegres, uma vez que a música os alegra.

Depois para aprenderem e se motivarem pela novidade, ou seja retenção de ideias sobre o mundo, natureza, tudo aquilo que eles têm para conhecer e aprender neste momento.

8- *Quais as canções que costuma trabalhar?*

Muitas canções ligadas ao tema. Canções que andam na moda, infantis, que eles vão ouvindo. Também costumo utilizar canções ligadas à minha meninice, ou seja tradicionais, as quais as crianças adoram muito, uma vez que têm alguns gestos.

9- *E dentro das mesmas de qual gosta mais?*

Tenho um fraquinho especial pelas tradicionais, que são mais de brincadeira, mas também há as canções temáticas que se aprendem facilmente e adequadas às crianças.

10- *Qual acha mais adequada para desenvolver a oralidade? Porquê?*

Ambas são muito importantes para o contributo da linguagem oral. Cantar, falar, tudo é importante para que a crianças se desenvolva no que concerne à linguagem oral.

11- *Costuma ensinar a canção “Atirei o pau ao gato”? Que aprendizagens espera que as crianças adquiram? Porque é que a utiliza?*

É uma canção que se canta sempre, faz parte do repositório. É uma canção divertida e tradicional. Já vem de há muito tempo, e é sempre bom passar o tradicional. Depois é divertida e as crianças acham muita piada castigar o gato. Se formos aprofundar a canção referimos aos maus tratos. Contudo sempre abordei a canção em termos lúdicos.

12- *Como é que escolhe as canções que trabalha com as crianças?*

Eu escolho as canções que, à partida, eu acho que são interessantes e que a melodia não seja difícil e que seja apropriada. Depois é por gosto pessoal, ou seja se a canção é engraçada, se tem bom ritmo, se vem transmitir algo, se vem trazer motivação às crianças.

Depois as músicas clássicas (as estações do ano); pegar nessas músicas e desenvolver o ouvido e pretendo que as mesmas desenvolvam diversos gostos musicais.

13- *Que aspetos considera relevante serem explorados?*

Não só a música em si, mas também que existem diversos ritmos e também que o silêncio é um principal elemento para que exista um bom entendimento entre todos.

14- *A mesma canção é apresentada para todas as crianças ou faz uma distinção por idade? Porquê?*

A mesma é apresentada para todas as crianças. À partida todas conseguem adquirir a canção, algumas com mais eficácia (os mais velhos), outras com mais dificuldades. Tem a ver com as crianças, com o gosto pela música, o seu nível de memorização. Mas a canção é para o grupo todo.

15- *Considera que o recurso às canções infantis é um meio para contribuir para o desenvolvimento da linguagem oral? Porquê?*

Considero que é um meio excelente, ou seja o melhor para elas desenvolverem a linguagem oral. Portanto, existe muita riqueza que tem que se aproveitar, e cada vez mais existem mais meios, o que não existia antigamente, ou seja a internet, e rapidamente se pega nas colunas e dá uso à imaginação. Também as crianças podem sugerir uma canção e a partir daí podemos trabalhar os ritmos, os batimentos, explorá-la de várias formas. Estão a aprender de forma lúdica, é uma forma de pronunciar palavras, elaborar frase mais complexas.

16- *De que forma recorre às canções para promover aprendizagens de outras áreas que não a expressão musical? Fá-lo tendo em conta a letra da canção ou a temática a explorar?*

Abordar todas as diferentes áreas, como por exemplo, a matemática (triângulos, as formas geométricas). A canção pode ser uma estratégia/ um meio para depois entrarmos noutra área (higiene, alimentação, as boas maneiras, diversos temas). É um meio de se trabalhar diversos temas e alargar novo vocabulário nas crianças.

17- *Na sua opinião, que aprendizagens podem resultar da exploração de canções?*

Podem resultar bastantes aprendizagens, podemos fazer as crianças verem compassos, tempos. Podemos utilizar diferentes tons de voz, cânones, ou seja abordar diversas partes da canção, primeiro entram uns e depois outros, as crianças percebem bem qual é o refrão e as estrofes. Depois podemos ir para outras partes da linguagem, batimentos silábicos. Podemos criar a partir daí, pegar na canção e criarmos novas palavras que rimem. Brincar com as palavras, criar palavras que não existem. Trabalhar com a língua, encontrar sons agradáveis que rimem, que sejam engraçados.

Neste caso podem resultar aprendizagens em todos os domínios, desde formação pessoal e social, que é muito importante no jardim-de-infância (os valores, saber estar, saber ser, as regras e os comportamentos). Temos também a matemática e o conhecimento do mundo (astros, animais, lua, inverno, etc ). As canções são muito boas para desenvolver as outras áreas e domínios.

## **Anexo n.º 2.2** - Entrevista n.º 2 - “Educadora B”

Licenciada; 4 anos de serviço - Fafe

1- *Para si, qual é o papel que desempenha o educador de infância no desenvolvimento das crianças?*

Auxiliar a criança a aprender nalguns temas, a alcançar objetivos que, se calhar, sem o educador era mais complicado. Ensinar, ser um mediador em todo o percurso de jardim-de-infância.

2- *Um dos domínios a desenvolver na educação de Infância é a linguagem oral e abordagem à escrita. Da sua experiência, que atividades e estratégias considera serem mais eficazes para o desenvolvimento da linguagem oral?*

As canções cativam bastante as crianças no desenvolvimento da linguagem oral.

3- *Que atividades proporciona às crianças, destinadas a promover o desenvolvimento da linguagem oral?*

Uso muitas histórias com música, uma vez que as crianças se eu não utilizar a história com auxílio sonoro elas dispersam. Por isso, tudo que envolva o lúdico capta totalmente a atenção das crianças.

4- *Qual é o contributo das rimas/ ritmos/ poesias/ lenga lengas, para o desenvolvimento da linguagem oral?*

São de uma extrema importância, uma vez que as crianças em idade pré-escolar se encontram no início do seu desenvolvimento cognitivo. Ao brincar adquirem novo vocabulário.

5- *Costuma utilizar canções no trabalho com as crianças? Com que frequência as utiliza?*

Sim, para abordar diversos temas ligados às temáticas presentes no plano trimestral. Utilizo as canções todos os dias. Desde a hora que as crianças entram no jardim até à hora que saem. A Canção é introduzida como motivação para as atividades.

6- *Que aspetos pretende abordar com as canções que trabalha com as crianças?*

Desenvolver a autonomia, o gosto pelo lúdico, aspetos ligados aos diversos domínios do jardim-de-infância.

7- *Quais as canções que costuma trabalhar?*

Ligadas à temática que quero abordar. Não costumo utilizar canções tradicionais, contudo penso que são de alguma importância, uma vez que aborda o tradicional que não está presente nas crianças.

8- *E dentro das mesmas qual gosta mais?*

Temáticas. São muito giras e cativantes.

9- *Qual acha mais adequada para desenvolver a oralidade? Porquê?*

Ambas. Uma vez que, ao cantar, a crianças está a pronunciar diversas palavras, e por vezes a soletrar letras de canções que desconhecem.

10- *Costuma ensinar a canção “Atirei o pau ao gato”? Que aprendizagens espera que as crianças adquiram? Porque é que a utiliza?*

Não, porque não gosto acima de tudo da música. É ensinar a bater nos animais, e devemos inculcar nas crianças o carinho pelos animais. Se eles não nos fizeram mal, porque é que devemos de lhes bater? Há outras maneiras de fazer perceber o gato que agiu mal, mas não bater.

Gosto mais da “Não atirei o pau ao gato. Porque isso não se faz. A minha mãe, mãe, ensinou-me, me a respeitar e a gostar os animais. ”

11- *Como é que escolhe as canções que trabalha com as crianças?*

Primeiro vejo o tema que vou abordar (números, cores, formas geométricas) e depois procuro alguma canção de fácil interpretação para as crianças.

12- *Quando introduz / apresenta uma canção preocupa-se em a preparar? Ou seja, perceber a letra, ritmos, etc.,?*

Sim. Se forem músicas mexidas as crianças aderem mais. Se forem calmas, passa-lhes ao lado.

13- *Que aspetos considera relevante serem explorados?*

Não só a letra, mas também o silêncio (saber falar na sua vez) e os ritmos.

14- *A mesma canção é apresentada para todas as crianças ou faz uma distinção por idade? Porquê?*

Sim, todos se encontram no mesmo grau de aprendizagem.

15- *Considera que o recurso às canções infantis é um meio para contribuir para o desenvolvimento da linguagem oral? Porquê?*

Sim, muito. Porque o uso das canções infantis é um elemento fundamental na pré-escolar.

16- *De que forma recorre às canções para promover aprendizagens de outras áreas que não a expressão musical? Fá-lo tendo em conta a letra da canção ou a temática a explorar?*

Normalmente tento utilizar uma canção para cada tema que vou explorar, assim tenho um grupo mais ativo e interessado em aprender sempre mais.

17- *Na sua opinião, que aprendizagens podem resultar da exploração de canções?*

Ritmo, tempo, compasso, a letra, apreensão de novos vocábulos, invenção de novas palavras, rimar, entre outros.

### **Anexo n.º 2.3** - Entrevista n.º 3 - “Educadora C”

Licenciada; 12 anos de serviço - Fafe

1- *Para si, qual é o papel que desempenha o educador de infância no desenvolvimento das crianças?*

O educador de infância é o orientador, aquele que vai levar as crianças a vários caminhos para atingir as competências e objetivos que cada idade pressupõe. Somos como um mediador, não só na parte pedagógica, mas na parte emocional, motora, cognitiva.

2- *Um dos domínios a desenvolver na educação de Infância é a linguagem oral e abordagem à escrita. Da sua experiência, que atividades e estratégias considera serem mais eficazes para o desenvolvimento da linguagem oral?*

A creche é a idade que a criança começa a falar, desenvolve-se a linguagem com músicas, canções sempre ligadas ao gesto, ou seja é através da mímica que as crianças dão sentido as palavras. Trabalha-se também a linguagem oral através da audição de diversos sons (instrumentais, da rua, dos animais, etc.)

Por outro lado, em contexto de jardim-de-infância é quase igual. Nesta fase pode-se trabalhar a linguagem oral através da simbologia, ou seja associação de imagens à palavra inicialmente; numa fase posterior a palavra à imagem. Também a dança, o trabalho com fantoches, teatros, há várias maneiras de desenvolver essa linguagem. Por exemplo quando eles estão nos cantos da sala a brincar, eles próprios estão a desenvolver o jogo simbólico, eles próprios estão a desenvolver a linguagem oral com os outros. O brincar também é um desenvolver da linguagem oral.

Por fim as histórias; primeiro o educador conta e, de seguida, pede que as crianças recontem a mesma história à sua maneira.

3- *Que atividades proporciona às crianças, destinadas a promover o seu desenvolvimento da linguagem oral?*

Teatros, histórias, mímica, jogos simbólicos, entre outros.

4- *Qual é o contributo das rimas/ ritmos/ poesias/ lengalengas, para o desenvolvimento da linguagem oral?*

É muito importante, e principalmente quando nos deparamos que alguma criança tem dificuldade em soletrar algum fonema, tentamos arranjar rimas, trava-

línguas, lengalengas, para, de um certo modo, as crianças com mais dificuldades trabalhem a letra e desenvolverem a memória.

5- *Costuma utilizar canções no trabalho com as crianças? Com que frequência as utiliza?*

Sempre. Todos os dias trabalho com canções. Ou alusivas a algumas temáticas (estação do ano, ou data comemorativa...).

6- *De que forma é introduzida a canção?*

De manhã, no acolhimento. À tarde, peço que algumas crianças cantem sozinhas, de uma certa forma memorizem novas palavras e alarguem o vocabulário.

7- *Que aspetos pretende abordar com as canções que trabalha com as crianças?*

Aspetos relacionados com a temática a abordar, ou seja o que surgir no dia-a-dia, alguns projetamos para o dia (por exemplo a primavera), mas, às vezes acontecem situações espontâneas que nos levam a abordar outras canções. Por vezes, há aspetos que surgem da parte da própria criança.

8- *Quais as canções que costuma trabalhar?*

Temáticas, tradicionais.

9- *E dentro das mesmas qual gosta mais?*

Gosto mais de trabalhar as temáticas, uma vez que são alegres e divertidas.

10- *Qual acha mais adequada para desenvolver a oralidade? Porquê?*

As temáticas são mais adequadas. As tradicionais são mais de cultura geral. As tradicionais também são importantes, só que, em termos de vocabulário do dia-a-dia, as canções temáticas são mais ricas e dinâmicas.

11- *Costuma ensinar a canção “Atirei o pau ao gato”? Que aprendizagens espera que as crianças adquiram? Porque é que a utiliza?*

Não tenho esse hábito. Quando andava a tirar a licenciatura, tive expressão musical e lembro-me de um professor dizer que essas canções levavam à violência. Mas cabe ao educador dar a volta por cima e não incutir nas crianças os maus tratos. Existem outras canções mais interessantes.

12- *Como é que escolhe as canções que trabalha com as crianças?*

Consoante a temática a abordar.

13- *Quando introduz/ apresenta uma canção preocupa-se em a preparar? Ou seja, perceber a letra, ritmos, etc.?*

Sim, porque depois podemos trabalhar os ritmos com instrumentos criados pelas crianças. Depois outra maneira de forma de trabalhar a linguagem é soletrar e ritmar a canção ao mesmo tempo que se faz batimentos com maracas por exemplo.

14- *Que aspetos considera relevante serem explorados?*

Não só a letra mas também aspetos ligados à música como a altura do som, a intensidade. Dar a conhecer às crianças vários conceitos ligados a música.

15- *A mesma canção é apresentada para todas as crianças ou faz uma distinção por idade? Porquê?*

Sim faço distinção de idades, uma vez que existem canções adequadas à idade das crianças. As crianças mais pequenas não têm capacidade de acompanhar as mais velhas. Por exemplo, a canção sobre números é mais adequada às crianças mais velhas e não interessa tanto aos mais novos. Para os mais novos é mais canções sobre animais.

16- *Considera que o recurso às canções infantis é um meio para contribuir para o desenvolvimento da linguagem oral? Porquê?*

Sem dúvida que sim. É uma ferramenta, uma mais-valia. Hoje em dia no mercado existem muitas escolhas e torna-se um meio mais apelativo para as crianças (o rádio, o pc).

17- *De que forma recorre às canções para promover aprendizagens de outras áreas que não a expressão musical? Fá-lo tendo em conta a letra da canção ou a temática a explorar?*

Recorro à música como meio de motivação. Abordo canções consoante a temática que quero abordar e o ambiente que quero desenvolver. Uma forma lúdica de adquirir conhecimentos. A música é uma forma de os motivar para o trabalho.

18- *Na sua opinião, que aprendizagens podem resultar da exploração de canções?*

Várias. Por exemplo uma canção curta sobre um rato dá para abordar os números, os animais e dentro dos animais, os animais domésticos e os selvagens, o habitat.

Através de uma música dá para abordar muitos aspetos que queremos desenvolver. São o meio fundamental de colocarmos uma criança a falar sobre o mundo.

#### Anexo n.º 2.4- Entrevista n.º 4 - “Educadora D”

Licenciatura e Especialização em Educação Especial, Domínio Cognitivo Motor; 9 anos de serviço - Fafe

1- *Para si, qual é o papel que desempenha o educador de infância no desenvolvimento das crianças?*

O educador de infância é um profissional responsável pela orientação de um grupo de crianças. É da sua competência organizar e aplicar os meios educativos adequados ao desenvolvimento global da criança (psicomotor, afetivo, intelectual, social, moral). No dia-a-dia, o educador de infância acompanha a evolução das crianças pelas quais é responsável e estabelece contactos com os pais no sentido de se obter uma ação educativa integrada.

A intervenção profissional de um educador de infância passa por diferentes fases. Antes de mais cabe-lhe observar cada criança para conhecer as suas capacidades, interesses e necessidades, recolher as informações sobre o contexto familiar e o meio em que as crianças vivem para compreender melhor as suas características. O educador deve proporcionar as condições necessárias para que cada criança aprenda e se sinta bem no jardim-de-infância.

2- *Um dos domínios a desenvolver na educação de infância é a linguagem oral e abordagem à escrita. Da sua experiência, que atividades e estratégias considera serem mais eficazes para o desenvolvimento da linguagem oral?*

Cantigas de roda, diálogos de grupo, e interpretação de cartões imagens.

3- *Que atividades proporciona às crianças, destinadas a promover o desenvolvimento da linguagem oral?*

Desenhos livres e sua interpretação; inventar canções, e histórias; inventar rimas, e lengalengas; brincadeiras ao faz de conta, representações de dramatizações e teatros.

4- *Qual é o contributo das rimas/ ritmos/ poesias/ lengalengas, para o desenvolvimento da linguagem oral?*

As rimas/ritmos/poesias/ lengalengas dão um contributo ao desenvolvimento da linguagem, pois é uma forma de estimular as crianças a se expressarem por meio de diversas linguagens, mas principalmente a verbalizar os seus sentimentos e compreensões sobre o mundo.

5- *Costuma utilizar canções no trabalho com as crianças? Com que frequência as utiliza?*

Sim costumo utilizar as canções, todos os dias. A canção é introduzida como motivação para as atividades diárias (Canção dos bons dias, canção vamos arrumar, canção vamos almoçar; lavar os dentes).

6- *Que aspetos pretende abordar com as canções que trabalha com as crianças?*

Pretendo que as crianças tenham um enorme desenvolvimento da autonomia, conhecimento do mundo, musical, oral; etc.

7- *Quais as canções que costuma trabalhar?*

Canções sobre estações do ano, animais, comemorações tais como dia do pai, dia da mãe, dia da água, etc.

8- *E dentro das mesmas qual gosta mais?*

Eu gosto de todas. Desde que seja cantar e as crianças se divirtam.

9- *Qual acha mais adequada para desenvolver a oralidade? Porquê?*

Todas as canções são adequadas para o desenvolvimento da linguagem oral.

10- *Costuma ensinar a canção “Atirei o pau ao gato”? Que aprendizagens espera que as crianças adquiram? Porque é que a utiliza?*

Sim. As crianças adoram esta canção pois há partes em que podem gritar e elas adoram. Através desta canção pode-se explorar os sons dos animais, imitá-los a andar, dialogar com as crianças perguntando se tem animais em casa, como se chamam, se tratam bem deles e, pois, não devemos maltratar os animais.

11- *Como é que escolhe as canções que trabalha com as crianças?*

Canções pequenas, e simples de memorizar.

12- *Quando introduz / apresenta uma canção preocupa-se em a preparar? Ou seja, perceber a letra, ritmos, etc.,?*

Sim claro, dependendo sempre da idade das crianças que estamos a trabalhar, de modo a que elas percebam os conteúdos a serem trabalhados.

13- *Que aspetos considera relevante serem explorados?*

Aspetos do som e silêncio; ritmos lentos e rápidos, e a letra da canção.

14- *A mesma canção é apresentada para todas as crianças ou faz uma distinção por idade? Porquê?*

Como já disse a idade é importante na escolha das canções. Por vezes é igual para todos, raramente é que faço uma distinção de idades, só mesmo no caso de abordar algum conteúdo mais complexo para as crianças mais novas.

15- *Considera que o recurso às canções infantis é um meio para contribuir para o desenvolvimento da linguagem oral? Porquê?*

Sim claro.

16- *De que forma recorre às canções para promover aprendizagens de outras áreas que não a expressão musical? Fá-lo tendo em conta a letra da canção ou a temática a explorar?*

Escolho a canção mediante a temática que pretendo explorar e ensinar às crianças.

17- *Na sua opinião, que aprendizagens podem resultar da exploração de canções?*

A partir de uma canção pode-se aprender e explorar todas as áreas para o desenvolvimento da criança na idade pré-escolar. Desde o desenvolvimento da linguagem, desenvolvimento pessoal e social, conhecimento do mundo, musical, dramática, etc..

## **Anexo n.º 2.5- Entrevista n.º 5 - “Educadora E”**

Mestre; 3 anos de serviço; Fafe

1- *Para si, qual é o papel que desempenha o educador de infância no desenvolvimento das crianças?*

A entrada no jardim-de-infância corresponde a uma fase decisiva do desenvolvimento de todas as crianças. É o estágio mais ativo do seu despertar para o mundo que as rodeia. Durante este período da infância, todos os objetivos pedagógicos assentam numa perspetiva de educar para a cidadania, princípio pelo qual se rege toda a educação pré-escolar e que influencia o desenvolvimento de todo o ser humano, ou seja, as metas e as finalidades visam, entre outros, estimular o progresso individual e social da criança; colocar a criança em contacto com grupos sociais distintos para, desta forma, confrontá-las com diferentes realidades; provocar nas crianças sentimentos de respeito por si e pelos outros; expandir a comunicação e a expressão numa perspetiva de compreensão do mundo; propiciar momentos de conforto e de segurança à criança a nível da saúde pessoal e do grupo e incentivar a colaboração das famílias no processo educativo. O educador perante as artes tem várias funções, nomeadamente: observador participante, criador de situações e ainda ator participante. É importante que o educador seja detentor de um espírito de abertura, que aceite e compreenda, para assim existir um bom ambiente em torno da criança de modo que ela possa expressar a sua espontaneidade criativa revelando-se com a maior liberdade possível, sem a menor inibição ou constrangimento. A função do educador é estimular o trabalho, as descobertas e as vivências da criança.

2- *Um dos domínios a desenvolver na educação de infância é a linguagem oral e abordagem à escrita. Da sua experiência, que atividades e estratégias considera serem mais eficazes para o desenvolvimento da linguagem oral?*

Todos os momentos ao longo do dia, no jardim-de-infância desenvolvem a linguagem oral, através da comunicação. São imensas as atividades a serem explorados, desde canções, rimas, trava-línguas, conversas de manta, jogos e outras. Tudo o que rodeia a criança ao longo de toda a sua rotina tem como objetivo o desenvolvimento da linguagem.

3- *Que atividades proporciona às crianças, destinadas a promover o desenvolvimento da linguagem oral?*

As atividades desenvolvidas são diversas desde cantar, canções, ouvir histórias, reproduzir rimas, lengalengas e trava-línguas.

4- *Qual é o contributo das rimas / ritmos/ poesias / lengalengas, para o desenvolvimento da linguagem oral?*

A descoberta da linguagem deve ser algo estimulante e valorizado através do jogo com sons, com palavras, proporcionando o prazer de brincar e descobrir, por isso as rimas, lenga lengas, poesias constituem um meio privilegiado para despertar a criança para a língua materna, estabelecendo uma relação lúdica entre a criança e a sua linguagem

5- *Costuma utilizar canções no trabalho com as crianças? Com que frequência as utiliza?*

Sim. Todos os dias.

6- *De que forma é introduzida a canção?*

A canção pode surgir de diversos modos, nomeadamente para motivar para alguma atividade.

7- *Que aspetos pretende abordar com as canções que trabalha com as crianças?*

Pretendo desenvolver a linguagem, trabalhar a memorização e estimular as crianças para a realização de atividades.

8- *Quais as canções que costuma trabalhar?*

Todos os géneros musicais devem ser explorados.

9- *E dentro das mesmas qual gosta mais?*

Dependendo do que pretendo explorar com as crianças, adapto a melhor canção.

10- *Qual acha mais adequada para desenvolver a oralidade? Porquê?*

Todas as canções servem para desenvolver a oralidade. Com uma canção podem ser desenvolvidas diversas atividades que permitem o desenvolvimento da atividade.

11- *Costuma ensinar a canção “Atirei o pau ao gato”? Que aprendizagens espera que as crianças adquiram? Porque é que a utiliza?*

Nem por isso, não acho uma canção estimulante.

12- *Como é que escolhe as canções que trabalha com as crianças?*

Tenho em atenção o tema a ser explorado, por isso a letra, o som, ritmo são fundamentais para a escolha de uma canção.

13- *Quando introduz/ apresenta uma canção preocupa-se em a preparar? Ou seja, perceber a letra, ritmos, etc.,?*

Sim, sempre.

14- *Que aspetos considera relevante serem explorados?*

Aspetos que as crianças percebam e interiorizem de modo a ter um fundamento para o ensinamento de qualquer canção.

15- *A mesma canção é apresentada para todas as crianças ou faz uma distinção por idade? Porquê?*

Cada faixa etária apresenta diferentes características, por isso utilizo diferentes canções, uma vez que, ao longo do tempo as crianças crescem e desenvolvem aprendizagens. Por isso estas devem ser estimuladas com canções diferenciadas.

16- *Considera que o recurso às canções infantis é um meio para contribuir para o desenvolvimento da linguagem oral? Porquê?*

Sim. Uma canção tem como base um trabalho de exploração de sons e ritmos, que as crianças podem produzir ou explorar de forma espontânea, por isso é inevitável o desenvolvimento da linguagem oral, uma vez que é sempre adquirido novo vocabulário.

17- *De que forma recorre às canções para promover aprendizagens de outras áreas que não a expressão musical? Fá-lo tendo em conta a letra da canção ou a temática a explorar?*

Sim. Uma canção deve servir como motivação de algum tema, atividade.

18- *Na sua opinião, que aprendizagens podem resultar da exploração de canções?*

As crianças aprendem a distinguir as diferentes características dos sons mas também aprendem a escutar quando é abordado o silêncio em oposição ao som, aprendendo assim a escutar, a cantar, a dançar, a tocar e a criar.

## **Anexo n.º 2.6** - Entrevista n.º 6- “Educatora F”

Bacharelato; 30 anos de serviço; Viseu

1- *Para si, qual é o papel que desempenha o Educador de Infância no desenvolvimento das crianças?*

A educação pré-escolar é a primeira etapa no processo da educação ao longo da vida, sendo complementar da ação educativa da família, com a qual deve estabelecer e estreitar relações, favorecendo a formação e o desenvolvimento equilibrado das crianças, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como seres autónomos e solidários. Assim, o educador tem o papel de contribuir para a igualdade de oportunidades no acesso ao 1.º ciclo e para o sucesso das suas (das crianças) aprendizagens. O educador deve planear o seu trabalho e avaliar o processo e os efeitos no desenvolvimento e na aprendizagem das crianças. Deve promover a autoestima e autoconfiança e desenvolver competências que permitam que cada criança reconheça as suas possibilidades e progressos. Ter em conta que a criança desempenha um papel ativo na sua interação com o meio e que a mesma também desempenha um papel ativo na construção do seu desenvolvimento e aprendizagem. Isto supõe encará-la como sujeito e não como objeto do processo educativo. Deve saber respeitar e valorizar as características individuais de cada uma e a sua diferença, assim como ter em mente uma escola inclusiva, onde todos tenham oportunidade de uma plena inserção na sociedade como seres autónomos, livres e solidários.

Em suma, o educador é responsável pela organização de atividades educativas, a nível individual e de grupo, com vista à promoção e incentivo do desenvolvimento físico, psíquico, emocional e social das crianças.

2- *Um dos domínios a desenvolver na educação de infância é a linguagem oral e abordagem à escrita. Da sua experiência, que atividades e estratégias considera serem mais eficazes para o desenvolvimento da linguagem oral?*

Histórias (ouvir e contar); lengalengas, rimas (diariamente trabalhamos uma palavra e as crianças descobrem palavras que rimam com a mesma), poemas; dramatizações; leitura e exploração de imagens; descrição de objetos; conversas informais; conversas ocasionais.

3- *Que atividades proporciona às crianças, destinadas a promover o desenvolvimento da linguagem oral?*

Diariamente é trabalhada uma palavra (contextualizada), com o objetivo de desenvolver a consciência fonológica; requisição de livros para serem lidos em família (criação de hábitos de leitura em família e formação de leitores).

4- *Qual é o contributo das rimas/ ritmos/ poesias/ lenga lengas, para o desenvolvimento da linguagem oral?*

A exploração do caráter lúdico da linguagem, o prazer em lidar com as palavras, inventar sons e descobrir as relações são aspetos da tradição cultural portuguesa que são trabalhados na educação pré-escolar.

A lengalenga é um texto construído com frases curtas que geralmente rimam e com ritmos diferentes ajudando à sua memorização.

Esta exploração de forma lúdica permite à criança ter um envolvimento ativo no seu desenvolvimento.

A poesia como forma literária constitui um meio de descoberta e de sensibilização estética.

5- *Costuma utilizar canções no trabalho com as crianças? Com frequência que as utiliza?*

Sim. Quase diariamente, mas “vestidas” com significado

6- *De que forma é introduzida a canção?*

1.º - Audição (CD, DVD ou cantada por mim); 2.º- Leio o texto calmamente para as crianças compreenderem o sentido do mesmo; 3.º- Nova audição; 4.º- Memorização por partes (utilizando formas diferentes de dizer o texto); 5.º - Concluimos com o todo. Não esquecer o acompanhamento com gestos e mímica.

7- *Que aspetos pretende abordar com as canções que trabalha com as crianças?*

Aspetos relacionados com o tema que no momento estamos a explorar, ou simplesmente cantamos outras porque as crianças pedem, como diversão, momentos de alegria, pelo lúdico...

8- *Quais as canções que costuma trabalhar?*

Canções relativas ao dia-a-dia, dias especiais, tradicionais, canções de roda, canções do mundo, movimento/jogos musicados...

9- *E dentro das mesmas qual gosta mais?*

O que me importa é a letra, o ritmo a mensagem e as crianças gostarem e apropriarem-se delas.

10- *Qual acha mais adequada para desenvolver a oralidade? Porquê?*

Desde que sejam pedagogicamente corretas, contextualizadas, apropriadas, harmonizadas todas são potencializadoras do desenvolvimento da oralidade.

11- *Costuma ensinar a canção “Atirei o pau ao gato”? Que aprendizagens espera que as crianças adquiram? Porque é que a utiliza?*

Atualmente não a utilizo. Devo incentivar o respeito pelos animais, assim como pela natureza e o outro...

12- *Como é que escolhe as canções que trabalha com as crianças?*

Segundo o tema, situação, temática, ou algo que quero sensibilizar ou mensagem que quero transmitir. Tenho muito material pessoal (DVDs, CDs, pesquisa na Net) que me permite um leque enorme de escolha.

13- *Quando introduz/ apresenta uma canção preocupa-se em a preparar? Ou seja, perceber a letra, ritmos, etc.,?*

Claro que sim. Primeiro tenho que a conhecer/perceber e saber entoar (tempo, duração, intensidade, acentuação...)

14- *Que aspetos considera relevante serem explorados?*

Letra, melodia, ritmo, intensidade...

15- *A mesma canção é apresentada para todas as crianças ou faz uma distinção por idade? Porquê?*

Apresento a mesma canção para o grande grupo. Umás vezes apresento uma mais simples, outras vezes mais complexas (por questões de espaço e números de crianças que são 25).

16- *Considera que o recurso às canções infantis é um meio para contribuir para o desenvolvimento da linguagem oral? Porquê?*

Evidentemente. Trabalhar as letras das canções relaciona o domínio da expressão musical com o da linguagem, que passa por compreender o sentido do que

se diz, por tirar partido das rimas, para discriminar os sons, por explorar o carácter lúdico das palavras e criar variações da letra original.

*17- De que forma recorre às canções para promover aprendizagens de outras áreas que não a expressão musical? Fá-lo tendo em conta a letra da canção ou a temática a explorar?*

A letra e a temática a explorar.

*18- Na sua opinião, que aprendizagens podem resultar da exploração de canções?*

Cantar canções infantis, populares, folclóricas e outras é um bom exercício para aperfeiçoar o ritmo, a audição, e a perceção da melodia. Estas não são, no entanto, as finalidades únicas do canto. Ao cantarem juntos, adultos e crianças, músicas que signifiquem alguma coisa para as crianças, ou seja, contribui para a organização da memória, da perceção e do pensamento das crianças, contribui para a formação integral da criança e apropriação de conceitos musicais e culturais.

Por outro lado, permite a exploração do carácter lúdico da linguagem, prazer em lidar com as palavras, inventar sons e descobrir as relações é um meio de descoberta da língua e de sensibilização estética.